



GÉNERO NA FASE TARDIA DA VIDA ATIVA

**Trabalho, família e condições de vida
em Portugal e na Europa**

Coordenadora

Anália Torres



TORRES, Anália, Prof.^a catedrática de Sociologia, coordenadora da Unidade de Sociologia no ISCSP, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa. É fundadora e coordenadora do CIEG, Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, centro classificado com Excelente pela FCT- Fundação para a Ciência e Tecnologia. Doutorada em Sociologia, foi entre outros cargos nacionais e internacionais, Presidente da ESA, European Sociological Association (2009-2011). Investiga e publica, a nível nacional e internacional na área do género. www.analiatorres.com

PINTO, Paula Campos, Prof.^a Associada do ISCSP-ULisboa, investigadora e co-coordenadora do CIEG. Doutorada em Sociologia pela York University, ensina e investiga na área das políticas públicas, desigualdades e interseccionalidades, incluindo as relacionadas com questões de género e deficiência. Sobre estes temas tem publicado em revistas internacionais e coordenado pesquisas nacionais e internacionais.

COSTA, Dália, Prof.^a Auxiliar do ISCSP-ULisboa, onde leciona desde 1996. Doutorada em Sociologia da Família; Mestre em Sociologia; tem Pós-graduação em Ciências Criminais e é licenciada em Política Social pelo ISCSP. É co-coordenadora e cofundadora do CIEG. Coordena e tem participado em vários projetos de investigação com financiamento nacional e internacional.

COELHO, Bernardo, Prof. Auxiliar Convidado no ISCSP-ULisboa, investigador e membro fundador do CIEG. Os seus principais interesses são sociologia da família, género, relações íntimas e sexualidade, planeamento e avaliação de políticas no domínio ou com impacto de género. Participa em pesquisas nacionais e internacionais nestes domínios e é autor e coautor de artigos e capítulos em livros.

MACIEL, Diana, Prof.^a Auxiliar Convidada do ISCSP-ULisboa e investigadora e membro fundador do CIEG, Centro Interdisciplinar de Estudos do Género. Doutoranda em Sociologia pelo ISCTE-IUL. Investiga na área da igualdade de género, juventude, toxicodependências e estudos longitudinais. Tem apresentado comunicações em conferências nacionais e internacionais e publicado artigos e livros dentro destas temáticas.

REIGADINHA, Tânia, Prof.^a assistente no Instituto Politécnico de Setúbal e investigadora. Licenciada em Organização e Gestão de Empresas pelo ISCTE-IUL, mestre em Sociologia, pelo ISCTE-IUL, é doutoranda em Gestão - Ciência Aplicada à Decisão na Universidade de Coimbra. Leciona unidades curriculares na área de Marketing e Logística. Colabora com o ISCSP-ULisboa em investigação na área da Sociologia. Faz investigação e publica nas áreas de Marketing, Sociologia e Retalho.

THEodoro, Ellen, Licenciada em Psicologia e mestre em Sociologia pelo ISCSP-ULisboa. Atualmente é bolsista de investigação do CIEG, Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, ISCSP, ULisboa.

GÉNERO NA FASE TARDIA DA VIDA ATIVA

**Trabalho, família e condições de vida
em Portugal e na Europa**

Anália Torres
Paula Campos Pinto
Dália Costa
Bernardo Coelho
Diana Maciel
Tânia Reigadinha
Ellen Theodoro



Novembro de 2018

Título: Género na fase tardia da vida ativa: trabalho, família e condições de vida em Portugal e na Europa

Design: Inês Sena

Paginação: Guidesign

ISBN: 978-989-8943-36-1

Os autores desta publicação não adoptaram o novo Acordo Ortográfico.

A autorização para reprodução total ou parcial dos conteúdos desta obra deve ser solicitada aos autores e ao editor.



Este trabalho de pré-impressão é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/SOC/04304/2013.

GÉNERO NA FASE TARDIA DA VIDA ATIVA

**Trabalho, família e condições de vida
em Portugal e na Europa**

ÍNDICE

Género na fase tardia da vida ativa

9	Introdução
	Capítulo 1
13	Género e Mercado de Trabalho
	Capítulo 2
28	Família e Condições de Vida
	Capítulo 3
37	Articulação trabalho-família
	Capítulo 4
45	Violência e Crime
	Capítulo 5
48	Saúde e causas de morte
	Capítulo 6
55	Valores
	Capítulo 7
60	Perfis e classes sociais de homens e mulheres na Europa
66	Ideias síntese
68	Glossário
72	Quadros síntese
73	Referências bibliográficas

Introdução

O *booklet Género na fase tardia da vida ativa*, que se refere ao grupo etário dos 50 aos 65 anos, faz parte de um projeto mais amplo intitulado “Igualdade de Género e Idades da Vida”¹, que pretende caracterizar as relações de género nas diferentes idades da vida, em diferentes contextos sociais e geográficos, situando Portugal no contexto europeu. Consideraram-se as seguintes fases da vida: a primeira, que inclui a infância e a juventude (dos 0 aos 29 anos), a segunda, que se designou por *rush hour of life* (dos 30 aos 49 anos) e a terceira, a chamada fase tardia da vida ativa (dos 50 aos 65 anos), sobre a qual se debruça o presente texto. A fase da vida posterior aos 65 anos não foi incluída no estudo por necessidade de fechamento do campo analítico e para não aumentar a já complexa e extensa consulta a fontes estatísticas diversificadas.

Para compreender melhor, numa perspetiva de género, as tendências centrais da fase tardia da vida ativa, analisam-se as condições de vida de homens e de mulheres, para saber, nomeadamente, se tendem a acentuar-se ou atenuar-se algumas das desvantagens relativas das mulheres que já se colocavam nas fases anteriores, particularmente na *rush hour of life* (dos 30 aos 49 anos) no que toca à participação no mercado de trabalho, à repartição do trabalho pago e não pago, às diferenças salariais, ao bem-estar e à saúde, aos valores e às práticas e atitudes face à violência. Para o efeito, percorrem-se diferentes aspetos da vida nesta fase: trabalho, família, articulação trabalho/família, práticas e atitudes face à violência, valores, condições de vida, classes sociais e rendimento, comparando Portugal com os outros países europeus.

Entre os 50 e os 65 anos de idade a dimensão do trabalho continua a ser central na vida, quer dos homens, quer das mulheres, mas há, comparativamente à fase anterior (a *rush hour of life*, dos 30 aos 49 anos), uma descida sensível, mais acentuada para as mulheres, da participação no mercado de trabalho, tanto em Portugal como na Europa. No entanto, numa perspetiva diacrónica, a subida da taxa de emprego feminino nesta fase da vida na Europa, entre 2000 e 2015 foi, como se verá, muito acentuada, ultrapassando nalguns países os 20 pontos percentuais, tendo sido mais baixa em Portugal uma vez que já em 2000 as mulheres tinham forte participação no mercado de trabalho. Assim se considera que parecem existir dois efeitos: um geracional, protagonizado sobretudo pelas mulheres que aumentam a sua participação no mercado de

¹ A definição dos conceitos utilizados na pesquisa consta de um Glossário no final do texto.

trabalho nesta fase da vida e outro que exprime uma tendência de longo curso, que afeta tanto homens como mulheres na Europa, e que terá que ver com reformas antecipadas, desemprego entre outros fatores. Que impactos têm estes dois efeitos no plano da igualdade de género?

A menor participação de homens e de mulheres nesta fase da vida no mercado de trabalho tem sido aliás fonte de preocupação das instituições europeias e objeto de políticas específicas. Com efeito, desde o início do século XXI que as questões da sustentabilidade da segurança social e do crescimento económico estão na agenda europeia, devido ao envelhecimento da população e à falta de renovação geracional.

Na Europa, definiram-se metas para aumentar a empregabilidade nesta fase da vida. Os objetivos da Estratégia de Lisboa estabeleceram para 2010, que se atingisse a meta de uma taxa de emprego global de 70%, de 60% para o emprego feminino, e de 50% para as trabalhadoras entre os 55 e 64 anos.

Terá interesse, assim, verificar se estas metas já foram atingidas, e que efeitos têm as políticas desenvolvidas nos diferentes países no efetivo cumprimento dessas metas. E importa sobretudo saber: que impacto, no plano da igualdade de género, têm estas realidades e políticas na fase tardia da vida ativa? Se os salários das mulheres são mais baixos e se há um grupo expressivo de mulheres fora do mercado de trabalho, haverá ou não para elas maior risco de pobreza? E o que se passa com as mais escolarizadas e os mais escolarizados?

A fase tardia da vida ativa compreende muitas vezes o período em que filhos e/ou filhas saem de casa, daí ser também designada por fase pós-parental ou do “ninho vazio”. Mas será que diminuem os problemas de articulação trabalho/família ou se mantêm, assumindo diferentes formas, para eles e para elas?

Faz sentido ainda avaliar como outras dimensões do bem-estar são vividas por homens e por mulheres. Sabe-se que os níveis de saúde e bem-estar de homens e mulheres diferem ao longo da vida e parecem ter efeitos cumulativos nesta fase tardia. Tradicionalmente os homens tendem a inserir-se profissionalmente em sectores de atividade que comportam maiores riscos de acidente e tendem também a adotar mais comportamentos de risco e, nesta perspetiva, os problemas de saúde dos homens podem ser encarados como “custos da masculinidade”. Será que para os homens esses efeitos se acentuam ou diminuem na fase tardia da vida ativa?

Em contrapartida, as mulheres tendem a reportar níveis de saúde mental e física mais baixos do que os homens, mas tal parece dever-se à presença mais frequente entre elas de problemas músculo-esqueléticos e de saúde mental, apesar dos registos de violência no espaço público e dos níveis de suicídio serem mais elevados para os homens do que para as mulheres, e a esperança de vida mais reduzida para eles do que para elas.

Na análise a desenvolver mobilizam-se também variáveis como os níveis de educação ou a classe social que devem também ser associados aos chamados efeitos de género para ter um quadro mais completo das realidades que se pretendem caracterizar. Identificam-se também perfis de países, e de mulheres e homens, comparando Portugal com a realidade europeia. Avançam-se ainda hipóteses explicativas para as diferenças e semelhanças encontradas, a partir dos contributos das teorias de género e das ciências sociais.

Para compreender como se caracterizam e desenvolvem as relações de género na fase tardia da vida ativa convocam-se quatro dimensões analíticas. A dimensão estrutural a partir da qual se avalia como, para homens e mulheres, os contextos mais ou menos privilegiados, ou mais ou menos desprovidos de recursos económicos ou culturais têm efeitos diferenciados. A dimensão institucional, que se refere aos efeitos que o Estado Social pode ter, através de políticas redistributivas, de articulação trabalho/família, ou de igualdade de género, na vida de mulheres e de homens nesta fase. A dimensão conjuntural, que integra dinâmicas económicas e sociais, como os efeitos mais recentes da globalização, da desindustrialização, da terciarização da economia e das conjunturas específicas como a crise económica e financeira que têm impacto na forma como se vive a igualdade de género. A dimensão simbólica e cultural, que pretende avaliar valores e atitudes de homens e mulheres face à divisão do trabalho pago e não pago, à forma como se encaram as questões da igualdade nesta divisão, ou como se rejeitam ou subscrevem os estereótipos de género.

O texto está organizado a partir de um conjunto de questões a que se procura dar resposta, e que guiam a análise desenvolvida no arco temporal entre 2000 e 2015. A análise incide sobre Portugal, a União Europeia a 27 países e, nalguns casos, sobre um conjunto de países que visam representar diferentes modelos de Estado Social. Escolheu-se um conjunto de oito países que se considera representarem modelos distintos de estados providência: Alemanha e França em representação do modelo continental; Reino Unido, como exemplo do modelo liberal e Finlândia e Suécia do modelo nórdico; Espanha (em conjunto com Portugal) como países representativos do modelo do sul da Europa; e República Checa e Polónia representando os países da Europa de leste. Recorre-se a um conjunto diversificado de fontes de dados estatísticos como, entre outros, Eurostat (e a partir dele, a muitas das bases de dados que o alimentam), Organização para Cooperação para o Desenvolvimento Económico (OCDE), Instituto Nacional de Estatística (INE), Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social (GEP-MTSSS), Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC), Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) e PORDATA. Também se utilizaram bases de dados de inquéritos internacionais como o

European Social Survey (ESS), European Working Conditions Survey (EWCS) e International Social Survey Programme (ISSP).

A este *booklet* acrescem três outros – *Género na infância e juventude, Género na rush hour of life, e Género e Idades da Vida* – e um livro *Igualdade de género ao longo da vida, Portugal no contexto europeu*, todos contendo dados para Portugal e a Europa e com uma perspetiva diacrónica de forma genérica para os últimos 15 anos. Procurou-se também a partir de resultados de investigação qualitativa e quantitativa aprofundar alguns temas apresentando estudos nacionais e internacionais relevantes. Espera-se agora que a abrangência desta análise, que permitiu a identificação de tendências fortes quanto à questão da igualdade de género, suscite o aprofundamento de alguns dos resultados aqui apresentados e a verificação das hipóteses explicativas em trabalhos futuros.

Capítulo 1

Género e Mercado de Trabalho

Na *rush hour of life*, idade da vida definida entre os 30 e os 49 anos, face à Europa, a taxa de emprego feminino situa-se acima da média europeia sendo mais elevada entre as mulheres com maior escolaridade. Isto sugere que o trabalho é, para as mulheres e para os homens, um valor social, fator de satisfação pessoal e não apenas fonte de rendimento. Muito presentes no mercado de trabalho, as mulheres em Portugal, comparativamente aos homens são mais penalizadas no desemprego, na precariedade e nos baixos salários, dando lugar a um quadro de múltipla desvantagem.

*Na fase tardia da vida ativa, entre os 50 e os 64 anos, em que medida se acentuam ou atenuam as desvantagens das mulheres no mercado de trabalho, que se verificaram na *rush hour of life* (dos 30 aos 49 anos)?*

Para dar resposta a esta questão, neste capítulo analisa-se a situação de mulheres e homens no mercado de trabalho face ao emprego e desemprego, precariedade, tempo de trabalho, remuneração e disparidade salarial, na Europa e em Portugal colocando assim em perspetiva as assimetrias de género nos diferentes países.

Mais homens do que mulheres integrados no mercado de trabalho na fase tardia da vida ativa

- Tal como verificado nas outras fases da vida, há mais homens integrados no mercado de trabalho do que mulheres: a população ativa é superior entre os homens, quer em Portugal, quer na generalidade dos países europeus (exceção para a Estónia e a Finlândia).
- Quando comparada a fase tardia da vida ativa com a *rush hour of life* assiste-se, quer em Portugal, quer na Europa, a uma diminuição significativa da população ativa neste grupo etário: na média da UE 27, verifica-se uma quebra de cerca de 20 pontos percentuais entre a população ativa, quer nas mulheres, quer nos homens. No caso de Portugal:

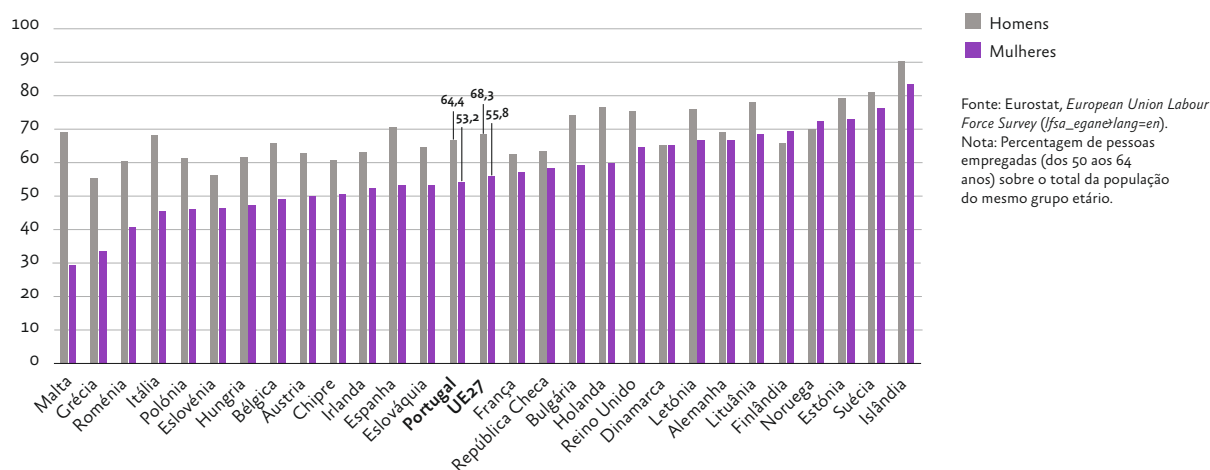
- Os homens registam uma diminuição de cerca de 20 pontos percentuais, passando de 93,8% na *rush hour of life* para 73,5% na fase tardia da vida.
- No caso das mulheres regista-se uma diminuição ainda mais acentuada, na ordem dos 29 pontos percentuais, tendo passado de uma proporção de 88,3% para apenas 59,7% na fase tardia da vida ativa.
- Ainda, no caso de Portugal, é na fase tardia da vida que se regista a maior diferença na taxa de atividade de homens e mulheres – mais do que na juventude e mais do que na *rush hour of life*.

Menores taxas de emprego de homens e mulheres nesta fase da vida em relação à *rush hour of life*, quer na UE, quer em Portugal

O padrão de maior empregabilidade dos homens volta a verificar-se nesta idade da vida: com a exceção da Finlândia e Estónia, a taxa de emprego dos homens é superior à das mulheres em todos os países europeus analisados (Figura 1.1).

- Em Portugal, nesta fase da vida volta a reproduzir-se o padrão já antes detetado na juventude e na *rush hour of life*: os homens apresentam uma taxa de emprego (64,4%) mais elevada do que as mulheres (53,2%), mas nesta fase da vida a empregabilidade dos homens ultrapassa em 10 pontos percentuais a das mulheres.
- Tal como sucedia na juventude – fase da vida marcada pela entrada no mercado de trabalho – na fase tardia da vida ativa volta a verificar-se uma taxa de emprego em Portugal (H=64,4%; M=53,2%) que fica abaixo da média europeia a 27 (H=68,3%; M=55,8%).
- Importa sublinhar que a taxa de emprego para mulheres e homens em Portugal diminui cerca de 20 pontos percentuais quando comparada com a taxa de emprego das pessoas na *rush hour of life*; no caso dos homens, a taxa de emprego diminui de 84,4% na *rush hour of life*, para 64,4% na fase tardia da vida ativa e nas mulheres diminui de 78,5% para 53,2%.
- Esta diminuição do emprego não significa aumento do desemprego; pelo contrário, parece estar associada à quebra da participação no mercado de trabalho (diminuição da população ativa). Ou seja, a perda de emprego nesta fase da vida significa a saída de mulheres e homens do mercado de trabalho, em parte explicada pela existência durante muito tempo de sistemas que incentivavam as reformas antecipadas dos trabalhadores e trabalhadoras, quer em Portugal, quer na Europa.

Figura 1.1 Taxa de emprego, dos 50 aos 64 anos, por país e sexo, 2015 (%)



A taxa de emprego das mulheres aumentou entre 2000 e 2015 em vários países da Europa

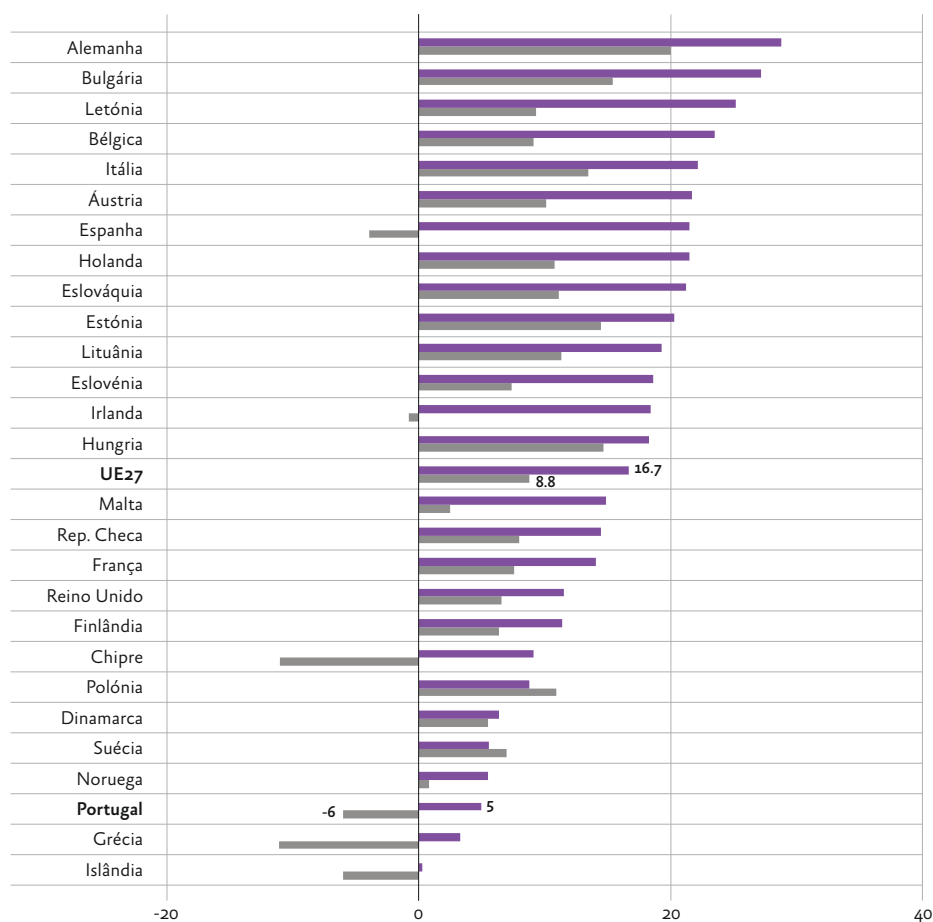
- Nas últimas décadas, motivada pela crise demográfica e pela potencial crise na sustentabilidade financeira dos estados providência, a Europa adotou uma estratégia de prolongamento e ativação profissional das pessoas nesta fase da vida (Bould e Casaca, 2012). Portugal não escapou a esta abordagem, nomeadamente, através da adoção de políticas de adiamento sucessivo da idade de reforma das trabalhadoras e dos trabalhadores.
- Neste sentido, nesta fase da vida podemos dizer que estamos perante dados paradoxais:
 - Por um lado, observa-se que a taxa de atividade de homens e mulheres sofre quebras acentuadas em Portugal e na Europa.
 - Por outro, sob influência das políticas de ativação do trabalho dirigidas para o prolongamento da vida profissional das mulheres e homens, assiste-se a um aumento do emprego das mulheres e homens nesta fase da vida na generalidade dos países da Europa.

O aumento da empregabilidade é, sobretudo, visível no caso das mulheres (Figura 1.2). Na Alemanha, Bulgária, Letónia, Bélgica, Itália, Áustria, Espanha, Holanda e Eslováquia, a taxa de emprego das mulheres evoluiu de forma significativamente positiva entre 2000 e 2015: nestes países o emprego das mulheres entre os 50 e os 64 anos cresceu mais de 20 pontos percentuais (entre 2000 e 2015).

Figura 1.2 Mudança da taxa de emprego, dos 50 aos 64 anos, por país e sexo, 2000-2015 (%)

■ Mudança Mulheres
■ Mudança Homens

Fonte: Eurostat, *European Union Labour Force Survey (lfsa_ergane)lang=en*.
Nota: Percentagem de pessoas empregadas (dos 50 aos 64 anos) sobre o total da população do mesmo grupo etário.



- Portugal parece seguir esta tendência de crescimento do emprego feminino nesta fase da vida, contudo os valores registados (na ordem dos 5 pontos percentuais) são ainda bastante mais baixos do que os verificados nos países já referidos e também da média da UE 27.
- De forma global, neste arco temporal, o emprego dos homens também evoluiu favoravelmente, contudo com menor intensidade do que a registada na mudança do emprego feminino nesta fase da vida.
- Portugal faz parte de um conjunto restrito de países (Espanha, Chipre, Grécia, Islândia, Irlanda) em que a taxa de empregabilidade dos homens, entre 2000 e 2015, nesta fase da vida regista uma diminuição, que no caso português foi de 6 pontos percentuais.
- A diminuição do emprego dos homens nesta fase da vida, que se regista neste conjunto de países, embora mais forte nuns países do que noutros, não será estranha ao cenário de crise económica e financeira que todos

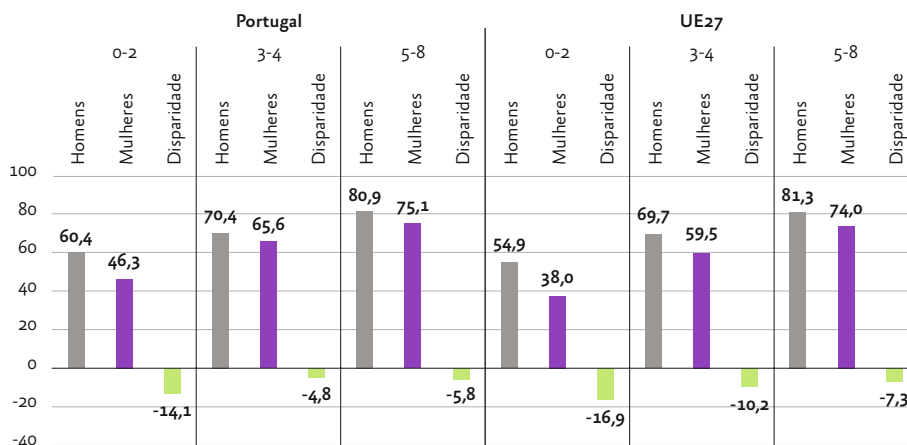
eles atravessaram, bem como à implementação de políticas de austeridade, que numa fase inicial afetaram sobretudo o emprego masculino.

Maior empregabilidade das mulheres e homens com escolaridade mais elevada

- Numa primeira análise percebe-se que neste grupo etário, tal como noutras idades da vida, à medida que o nível de escolaridade aumenta, também aumenta a taxa de emprego (Figura 1.3), sobretudo para as mulheres (em Portugal passa de 46,3% no ISCED 0-2 para 75% no ISCED 5-8, mas a diferença é ainda mais expressiva na UE 27 – em que de 38% passa para 74%). Este resultado indicia que, em Portugal e mais ainda na UE, na fase tardia da vida ativa são as mulheres mais escolarizadas (e não as menos escolarizadas) que tendem a manter-se no mercado de trabalho.
- Em Portugal, as mulheres na fase tardia da vida ativa com o ensino superior completo registam uma taxa de emprego de 75,1%; já entre aquelas com o ensino secundário a taxa desce para 65,6% e a queda é ainda mais acentuada entre as mulheres apenas com o ensino básico, cuja taxa de emprego se situa nos 46%.
- Em Portugal, entre os trabalhadores e trabalhadoras com o ensino superior completo, os homens têm uma taxa de emprego de 80,9% e as mulheres apenas de 75,1%. No caso daqueles e daquelas com o ensino secundário, eles têm uma taxa de emprego de 70,4% e elas de 65,6% (revelando uma disparidade de 4,8 pontos percentuais).
- De um modo geral, a disparidade entre homens e mulheres tende a diminuir com o aumento do nível de escolaridade mas a disparidade é menor em Portugal para o nível intermédio (4,8%) do que para o nível superior (5,8%), seguindo uma evolução mais linear quando se analisa a média europeia.
- É entre os trabalhadores e as trabalhadoras menos qualificados/as que se regista a mais elevada disparidade na empregabilidade (14,1 pontos percentuais), sendo que a taxa de emprego dos homens no grupo dos menos escolarizados é de 60,4% e a das mulheres de 46,3%.

Figura 1.3 Taxa de emprego por nível de escolaridade, dos 50 aos 64 anos, por sexo, em Portugal e na União Europeia a 27, 2015 (%)

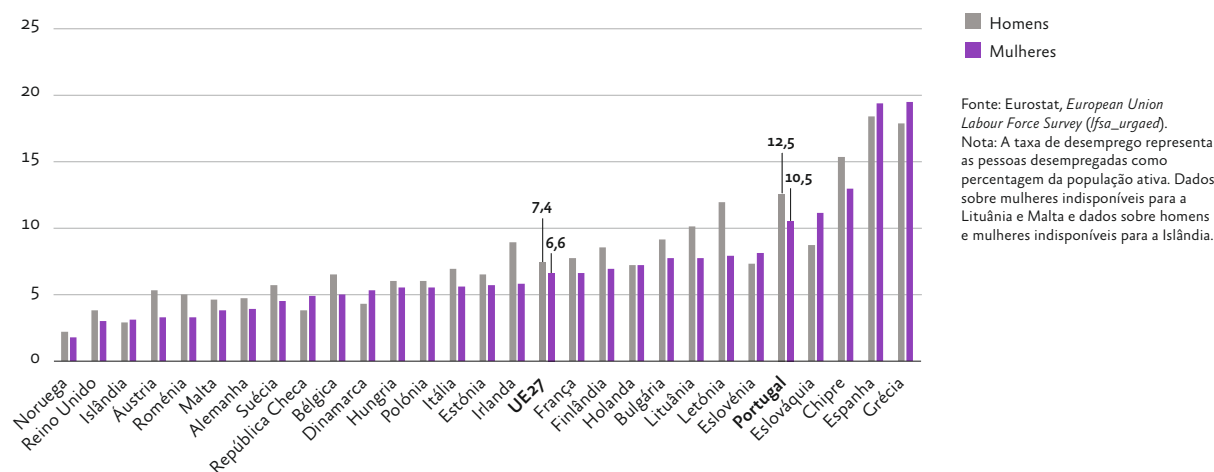
Fonte: Eurostat, *European Union Labour Force Survey (lfsa_ergaed)*.



O desemprego afeta mais os homens do que as mulheres nesta fase da vida

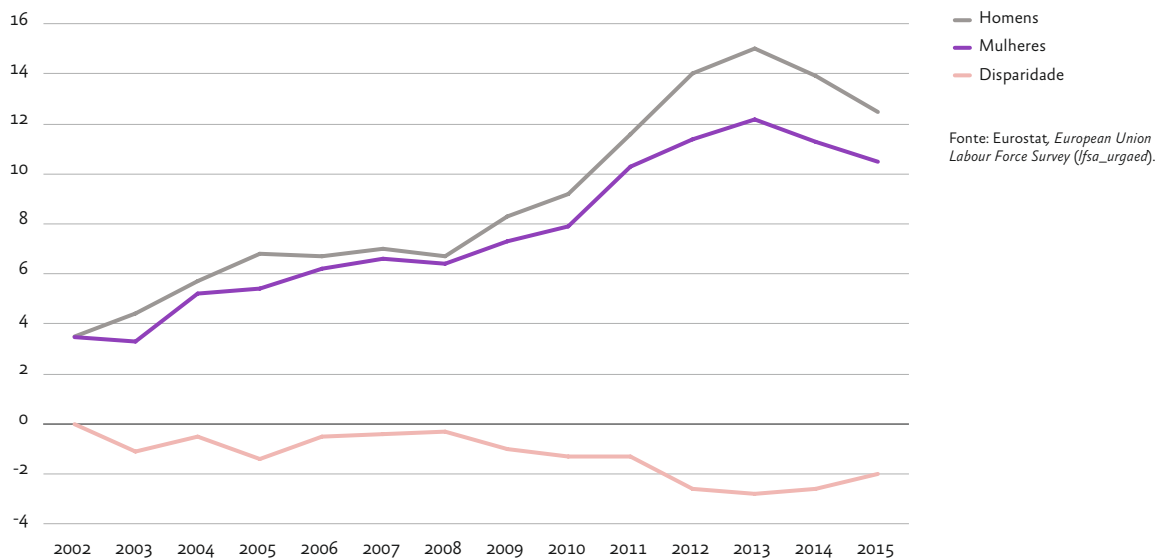
- No plano europeu, entre os países que registam as taxas de desemprego mais elevadas na Europa (tanto no caso dos homens como no das mulheres) estão aqueles que foram mais diretamente afetados pela crise económica e financeira e/ou por resgates financeiros e políticas de ajustamento, assentes em políticas de austeridade (Portugal, Grécia, Espanha e Chipre).
- Em Portugal, a taxa de desemprego dos homens entre os 50 e os 64 anos é de 12,5% e a das mulheres é de 10,5% (Figura 1.4).
- Estes valores colocam Portugal acima dos valores registados para a média da UE 27. Na UE 27, a taxa de desemprego é de 7,4% para os homens e de 6,6% no caso das mulheres.
- No caso de Portugal e para as pessoas na fase tardia da vida ativa, verifica-se que não só o desemprego afeta mais os homens do que as mulheres, como os homens nesta fase da vida registam uma taxa de desemprego mais elevada (12,5%) do que os homens na *rush hour of life* (10%). No sentido inverso, a taxa de desemprego das mulheres na fase tardia da vida é ligeiramente mais baixa (10,5%) do que a registada na *rush hour of life* (11,1%).

Figura 1.4 Taxa de desemprego, dos 50 aos 64 anos, por país e por sexo, 2015 (%)



- Tendo em consideração o arco temporal entre 2002 e 2015, observa-se uma tendência de permanente crescimento na taxa de desemprego em Portugal, quer no caso dos homens, quer no das mulheres nesta fase da vida (Figura 1.5). Contudo, o ano de 2013 marca a inversão dessa tendência, tal como já se tinha registado nas outras fases da vida.
- É sobretudo a partir de 2008 – altura que se instala a crise económica e financeira – que o crescimento do desemprego entre os homens se acentuou de forma relevante, tendo feito aumentar a disparidade das taxas de desemprego, com maior penalização no caso dos homens.

Figura 1.5 Evolução da taxa de desemprego, dos 50 aos 64 anos, por sexo, em Portugal, 2002-2015 (%)



Homens mais afetados por formas precárias de trabalho

Na impossibilidade de medir com precisão o peso das situações de falso trabalho independente, a análise que a seguir é referida circunscreve-se ao indicador do Eurostat sobre contratos não permanentes que reúne todas as formas contratuais de duração limitada ou temporária.

- Polónia, Espanha e Portugal são os países europeus que apresentam maior proporção de trabalhadores e trabalhadoras na fase tardia da vida ativa com regimes de contratação não permanente (Figura 1.6).
- Em Portugal, é nesta fase da vida que se regista a menor proporção de mulheres e homens integrados no mercado de trabalho através de formas não permanentes, vivendo situações de precariedade no emprego (Figura 1.7): 12,8% dos homens e 10,1% das mulheres, contra cerca de 20% de homens e mulheres na fase da *rush hour of life* e de cerca de 50% na fase da juventude.
- Em Portugal (e na Polónia), ao contrário do registado nas outras fases da vida – juventude e *rush hour of life* – na fase tardia da vida ativa os homens são mais penalizados por estas formas não permanentes de contratação.
- A mais forte penalização dos homens com vínculos não permanentes está relacionada com uma tendência de crescimento destas formas de contratação que, para Portugal neste grupo, se verifica desde 2005.
- Até 2010, Portugal apresentava um padrão comum ao de outros países europeus, sendo notório que as mulheres na fase tardia da vida viviam mais frequentemente situações de precariedade. Contudo, a partir desse ano a proporção de homens com contratos não permanentes ultrapassa a das mulheres.

Figura 1.6 Contratos não permanentes, dos 50 aos 64 anos, por país e por sexo, 2016 (%)

■ Homens
■ Mulheres
■ Disparidade

Fonte: Eurostat, *European Union Labour Force Survey* ([ifsa_etpgan&lang=en](https://ec.europa.eu/eurostat/tgm/table.do?tab=table&init=1&language=en)).
Nota: Empregados com contratos não permanentes são aqueles que têm um contrato de emprego de termo certo ou um emprego que terminará se um certo critério objetivo for cumprido, tal como a conclusão de um serviço ou o regresso de um empregado que foi temporariamente substituído.

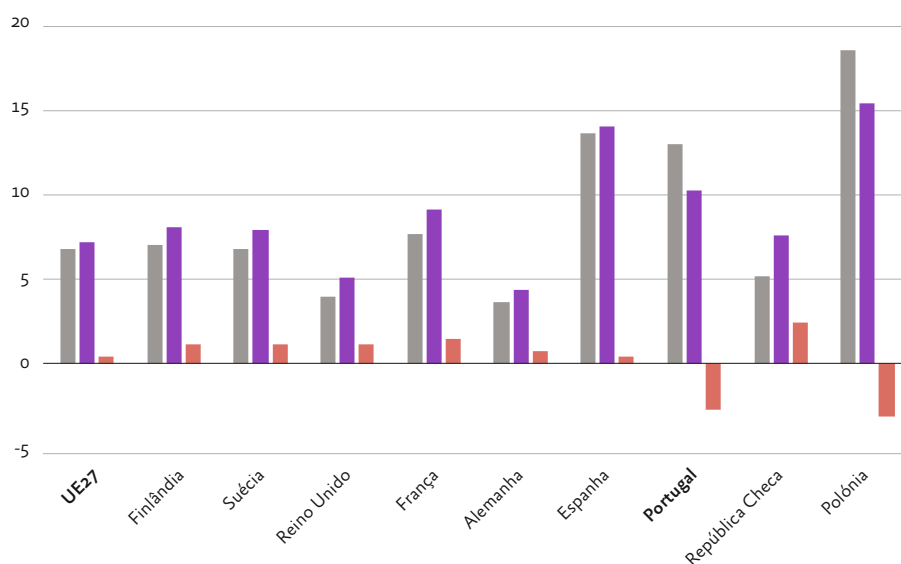
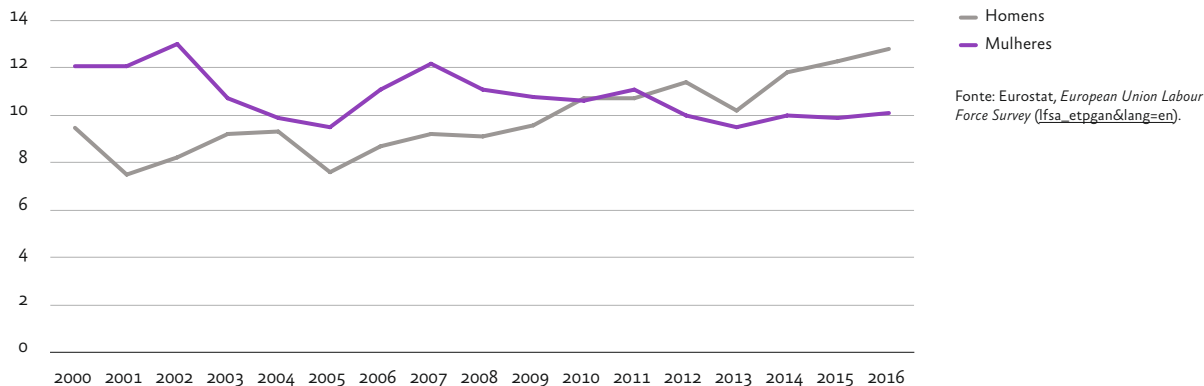


Figura 1.7 Evolução da proporção de contratos não permanentes, dos 50 aos 64 anos, por sexo, em Portugal, 2000 a 2016 (%)



Trabalho a tempo parcial é sobretudo uma realidade feminina

- Tal como se tem vindo a registar para as outras fases da vida (juventude e *rush hour of life*), em Portugal e na Europa o trabalho a tempo parcial na fase tardia da vida ativa é uma realidade sobretudo vivida pelas mulheres.
- Nos países onde ele é mais frequente (com um valor que se situa acima da média da UE 27) o trabalho a tempo parcial é sobretudo comum entre as mulheres. É o caso da Holanda, Alemanha, Bélgica, Áustria, Reino Unido, Irlanda e Noruega.
- A este respeito importa destacar o caso da Holanda, que na fase tardia da vida ativa regista uma proporção ainda mais elevada de mulheres a trabalhar a tempo parcial do que na *rush hour of life* (em que cerca de 70% das mulheres trabalham a tempo parcial, proporção que na fase tardia aumenta para 80,2%).
- Focando o olhar em Portugal, na fase tardia da vida ativa verifica-se uma disparidade, penalizadora das mulheres relativamente ao trabalho a tempo parcial, na ordem dos 6,7 pontos percentuais: a proporção de trabalhadoras a tempo parcial é de 16,4% e a de trabalhadores é de apenas 9,7% (Figura 1.8).
- Continuando a analisar Portugal na fase tardia da vida ativa, a proporção de mulheres a trabalhar a tempo parcial está muito abaixo da média europeia (16,4% contra 34,3%, respetivamente). De modo inverso, a proporção de mulheres portuguesas nesta fase da vida a trabalhar a tempo integral é muito superior à média da UE 27.
- Importa não negligenciar contudo o facto de que, na fase tardia da vida ativa, o trabalho a tempo parcial representa um peso mais significativo do que na *rush hour of life*, quer para as mulheres, quer para os homens.

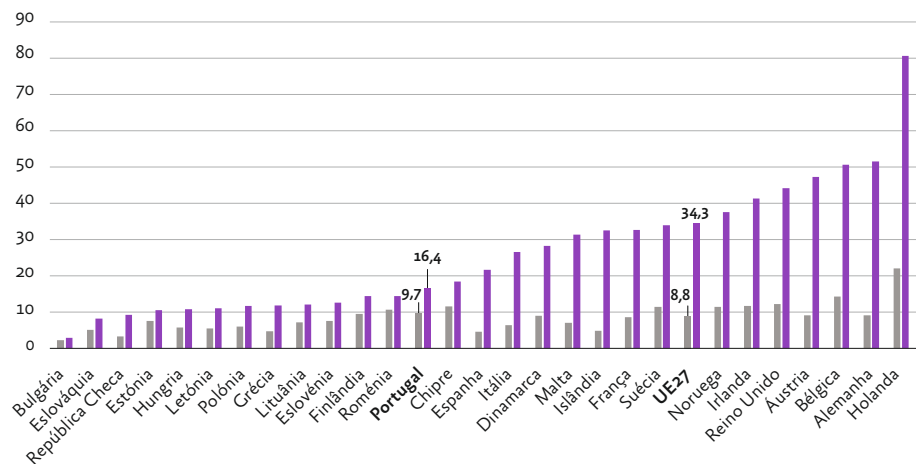
Na fase tardia há mais trabalhadoras (+6,8 pontos percentuais) e mais trabalhadores a tempo parcial (+ 5,1 pontos percentuais) do que na *rush hour of life* (dos 30 aos 49 anos).

- Ao contrário da *rush hour of life*, nesta fase da vida a integração no mercado de trabalho a tempo parcial não estará tão diretamente relacionado com investimento numa solução para a articulação entre trabalho e família. Na fase tardia da vida ativa, estes resultados podem espelhar as consequências prolongadas dessas formas de articulação na vida profissional das mulheres, impossibilitando a construção de carreiras profissionais e fazendo do tempo parcial a forma privilegiada de integração no mercado de trabalho no feminino. Porque, em países onde se conjuga o conservadorismo do mercado de trabalho com políticas maternalistas, as mulheres acabam por ser percebidas como cuidadoras naturais e como cuidadoras em primeira instância e só depois consideradas como trabalhadoras (Young, 2010). Para além desta consequência de âmbito profissional, o trabalho a tempo parcial tem consequências objetivas para a vida das mulheres na fase tardia, potencialmente agravando problemas relacionados com a independência financeira e económica, com o risco de pobreza, ou com desigualdades na remuneração entre mulheres e homens, penalizadoras das mulheres.

Figura 1.8 Trabalhadores/as a tempo parcial, dos 50 aos 64 anos, por país e sexo, 2015 (%)

■ Homens Part-time
■ Mulheres Part-time

Fonte: Eurostat, European Union Labour Force Survey (lfsa_egaed).

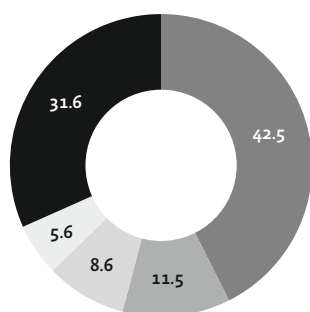


Doença e incapacidade ganham expressão como razões para o trabalho a tempo parcial

Importa perceber, para aquelas mulheres que trabalham a tempo parcial, se esse regime de trabalho foi escolhido de forma voluntária:

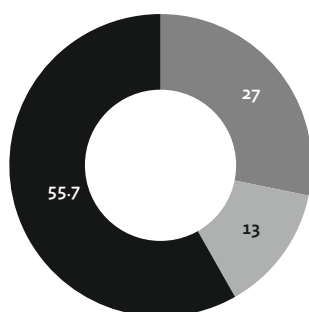
- No quadro dos países europeus o trabalho a tempo parcial motivado por doença ou incapacidade assume valores relativamente altos nesta fase tardia da vida ativa, tanto para os homens como para as mulheres, comparativamente a fases da vida anteriores.
- Em Portugal, 11,5% das trabalhadoras e 13% dos trabalhadores a tempo parcial na fase tardia da vida ativa apresentam como razão para optar por esta forma de trabalho a doença ou incapacidade (Figura 1.9 e Figura 1.10); já na *rush hour of life* esse motivo nunca foi apresentado pelas mulheres ou pelos homens como justificação para o trabalho a tempo parcial.

Figura 1.9 Razões para trabalho a tempo parcial, mulheres (dos 50 aos 64 anos), Portugal, 2015 (%)



- Não consegue encontrar trabalho a tempo integral
- Doença ou incapacidade
- Outras responsabilidades familiares ou pessoais
- A cuidar de crianças ou adultos incapacitados
- Outras razões

Figura 1.10 Razões para trabalho a tempo parcial, homens (dos 50 aos 64 anos), Portugal, 2015 (%)



- Não consegue encontrar trabalho a tempo integral
- Doença ou incapacidade
- Outras razões

Fonte: Eurostat, *European Union Labour Force Survey* (*fisa_epgarelang=en*).

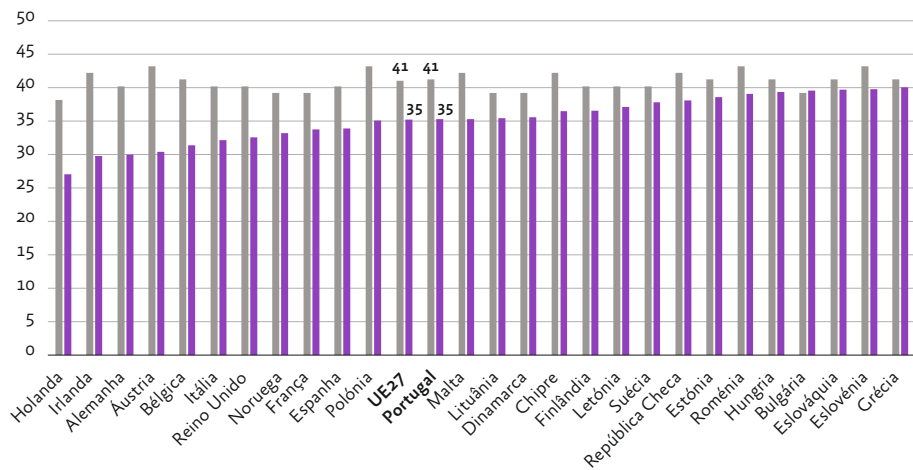
Aumenta a disparidade nas horas de trabalho pago de homens e mulheres em Portugal

- Na Europa, a média de horas de trabalho semanal é superior entre os homens relativamente às mulheres (41 horas para eles e 35 para elas). Esta disparidade acentua-se nos países em que o trabalho a tempo parcial se encontra mais feminizado: Holanda, Áustria, Alemanha e Reino Unido (Figura 1.11).
- Portugal apresenta a mesma disparidade nas horas de trabalho de homens (41 horas) e mulheres (35 horas) encontrada na média europeia. Esta disparidade de 6 horas médias é, no entanto, para Portugal superior à encontrada na fase da vida anterior, que era de apenas 1 hora.

Figura 1.11 Média de horas de trabalho semanal, por país e sexo, dos 50 aos 65 anos, 2015

■ Homens
■ Mulheres

Fonte: *European Working Conditions Survey (EWCS)*.
Nota 1: Dados indisponíveis para a Islândia.
Nota 2: Média de horas semanais de trabalho de indivíduos, dos 50 aos 65 anos, empregados independentemente de trabalharem a *full-time* ou a *part-time*.

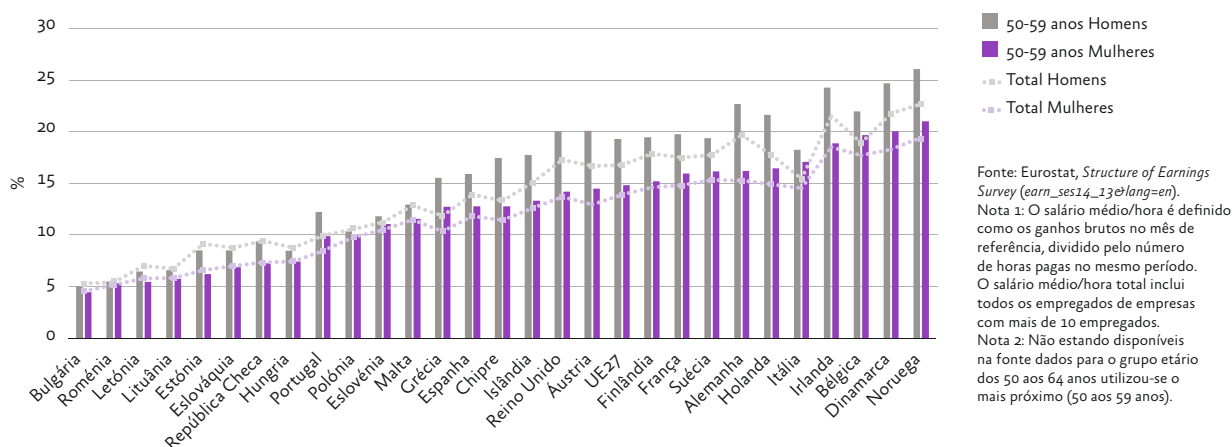


Mulheres com salários mais baixos, em Portugal e na Europa

A análise dos salários nesta fase da vida fica limitada pela indisponibilidade de dados que coincidisse de forma precisa com o grupo etário da fase tardia da vida ativa. Neste sentido, a análise utiliza informação acerca dos salários médios/hora e disparidade salarial tendo em conta dois subgrupos etários que se inscrevem na fase tardia da vida: pessoas entre os 50 e os 59 anos e pessoas com mais de 60 anos.

- Em todos os países analisados, no grupo etário dos 50 aos 59 anos, os homens têm um salário médio/hora superior às mulheres (Figura 1.12).
- Na grande maioria dos países da UE 27 (incluindo em Portugal), o salário médio dos homens no grupo etário dos 50 aos 59 anos ultrapassam significativamente o salário médio de todos os homens; por outras palavras, os homens deste grupo etário situam-se quanto a este indicador, numa clara posição de privilégio e vantagem. Já no caso das mulheres, a diferença entre os salários médios da população feminina em geral e deste grupo etário em específico nem sempre é nítida e, quando existente, é bastante menos expressiva.

Figura 1.12 Salário médio/mês, em PPC, por país e sexo, dos 50 aos 59 anos, 2014



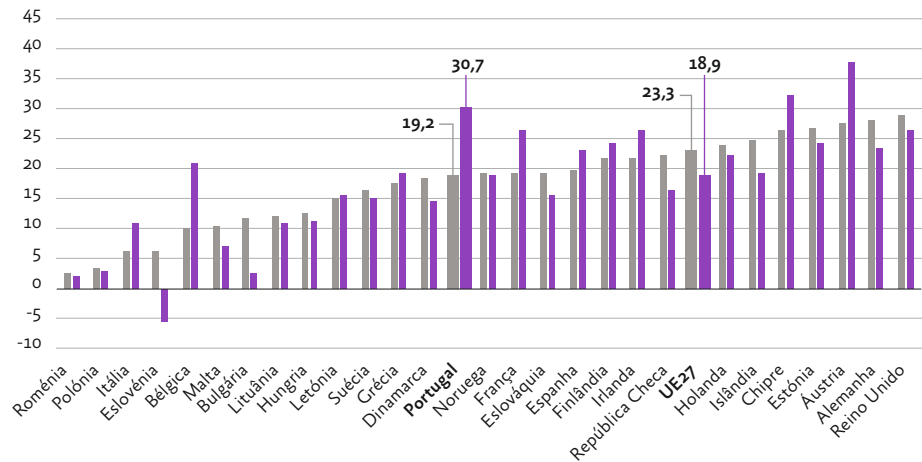
A disparidade salarial entre homens e mulheres persiste na fase tardia da vida ativa

- Identifica-se a persistência do fenómeno da disparidade salarial entre mulheres e homens, quer em Portugal, quer na Europa.
- Quando comparamos os valores da disparidade salarial registados na *rush hour of life* e na fase tardia da vida ativa, não só se observa a persistência do fenómeno, como também o seu agravamento.
- Em todos os países analisados os homens têm um salário médio/mês superior às mulheres, exceto na Eslovénia, em que as mulheres com mais de 60 anos auferem mais do que os homens.
- Na média para a União Europeia a 27, verifica-se que a disparidade salarial penalizadora das mulheres assume valores que rondam os 23 euros brutos por hora para as pessoas entre os 50 e os 59 anos, ou cerca de 19 euros brutos por hora para as pessoas com mais de 60 anos de idade (Figura 1.13).
- Em Portugal, a disparidade salarial entre homens e mulheres é superior à da média na UE 27 no grupo dos maiores de 60 anos (30,7 contra 18,9) e menor no grupo etário do 50 aos 59 anos (19,2 contra 23,3).

Figura 1.13 Disparidade salarial, por país e sexo, dos 50 aos 59 anos e mais de 60 anos, 2014

■ 50-59 anos
■ Mais de 60 anos

Fonte: Cálculos próprios a partir de Eurostat, *Structure of Earnings Survey* (*earn_ses14_13* e *lang=en*).
Nota 1: Disparidade salarial representa a diferença entre os ganhos brutos/hora dos empregados homens e os ganhos brutos/hora das empregadas mulheres, como percentagem dos ganhos brutos/hora dos empregados homens (empresas com mais de 10 empregados).
Nota 2: Não estando disponíveis na fonte dados para o grupo etário dos 50 aos 64 anos utilizaram-se os mais próximos (50 aos 59 anos e + 60 anos).



2. 1. Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos; 2. Especialistas das atividades intelectuais e científicas; 3. Técnicos de profissões de nível intermédio;
4. Pessoal administrativo;
- 5- Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores;
6. Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta;
7. Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices;
8. Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem;
9. Trabalhadores não qualificados.

- A remuneração dos homens é superior à das mulheres em todos os tipos de profissão, exceto nos trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores na UE 27 em que as mulheres com mais de 60 anos auferem, em média, mais do que os homens (Figura 1.15).
- Na UE 27, a disparidade é geralmente superior nos representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos (onde inclusive aumenta com a idade).
- Em Portugal, em ambos os grupos etários, a disparidade é menor nos “Especialistas das atividades intelectuais e científicas” e no “Pessoal administrativo”.

Figura 1.14 Remuneração mensal por tipo de profissão, em PPC, por sexo, dos 50 aos 59 anos, em Portugal e UE 27, 2014²

■ Homens
■ Mulheres
■ Diferença

Fonte: *European Working Conditions Survey* (EWCS).
Nota 1: Dados indisponíveis para a Islândia.
Nota 2: Média de horas semanais de trabalho de indivíduos, dos 50 aos 65 anos, empregados independentemente de trabalharem a *full-time* ou a *part-time*.

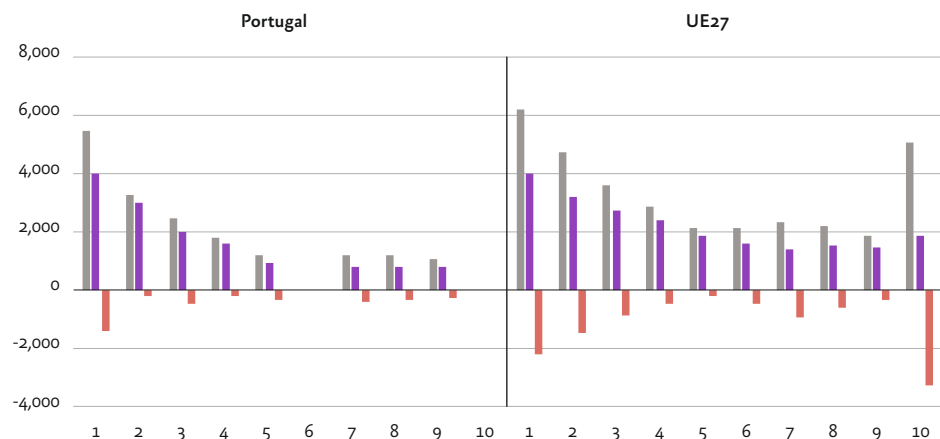
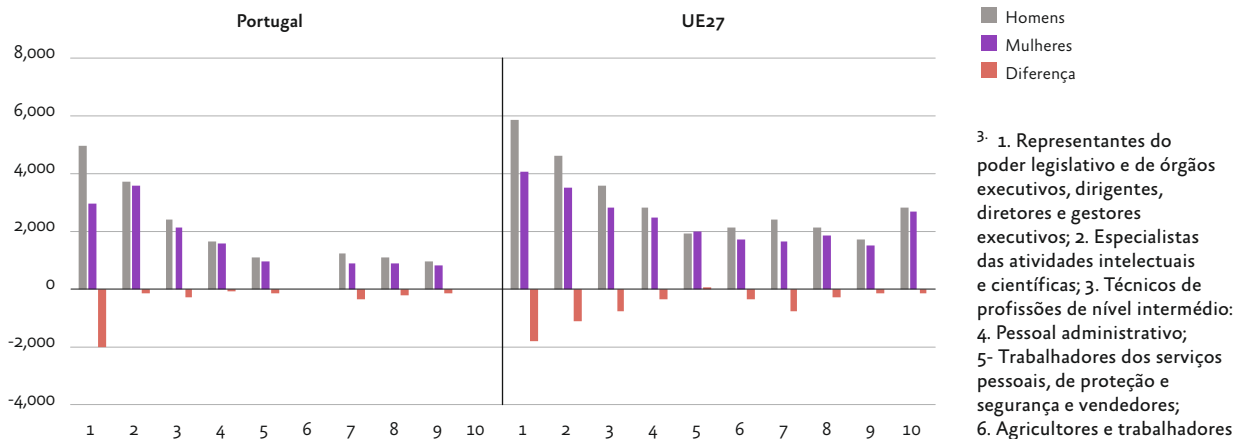


Figura 1.15 Remuneração mensal por tipo de profissão, em PPC, por sexo, com mais de 60 anos, em Portugal e UE 27, 2014³



³: 1. Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos; 2. Especialistas das atividades intelectuais e científicas; 3. Técnicos de profissões de nível intermédio; 4. Pessoal administrativo; 5- Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores; 6. Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta; 7. Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices; 8. Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem; 9. Trabalhadores não qualificados.

Fonte: Eurostat, *Structure of Earnings Survey* (2014), (*earn_ses14_13@lang=en*).

Em síntese, a taxa de emprego dos homens é superior na maior parte dos países da Europa continuando a escolaridade mais elevada a proteger contra o desemprego notando-se uma relação entre desemprego e crise económica e financeira, afetando mais os homens e profissões em sectores de atividade tradicionalmente masculinas. Ao contrário do que por vezes se reproduz, as mulheres na Europa trabalham a tempo inteiro e as que trabalham a tempo parcial fazem-no sobretudo por doença e incapacidade. Dos 50 aos 59 anos, o salário médio dos homens é superior ao das mulheres mantendo-se a disparidade salarial que se verifica em todas as idades da vida.

Capítulo 2

Família e Condições de Vida

Na *rush hour of life*, os agregados familiares são sobretudo compostos por casal com filhos/as, quer na Europa, quer em Portugal. Assim, na fase tardia da vida ativa, importa questionar se as configurações familiares se alteram.

Como será que se reconfiguram as famílias na fase da vida em que é menor a dependência social e económica dos/das filhos/as em relação à família de origem?

E as condições de vida das famílias também se modificarão, admitindo o início de um processo de saída do mercado de trabalho?

Neste capítulo apresenta-se um mapeamento dos tipos de família e da composição dos agregados familiares. Também se analisa o risco de pobreza por sexo e a dificuldade em fazer face às despesas com o rendimento do agregado familiar.

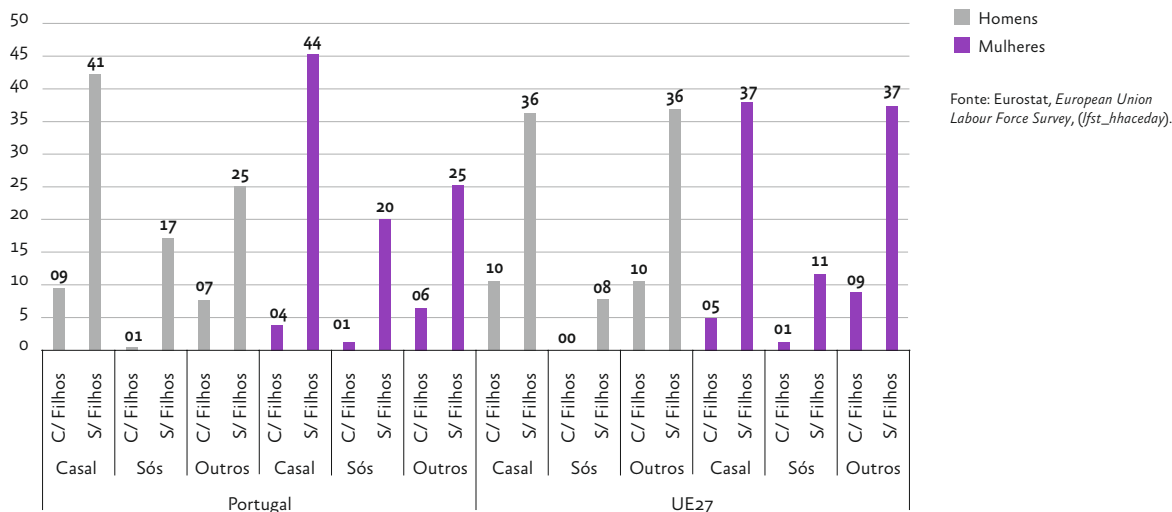
Na fase tardia da vida a conjugalidade continua a predominar nas famílias em Portugal

- Na fase tardia da vida, em Portugal, os agregados domésticos são sobretudo compostos por casais e nestes, no caso dos homens são principalmente casais com filhos/as, numa proporção de 43%. Já no caso das mulheres, os casais com filhos representam 31% e os casais sem filhos/as 32%, numa distribuição mais equitativa do que a verificada para os homens (Figura 2.1).
- Na fase tardia da vida verifica-se uma diminuição para quase metade no caso das mulheres da proporção de casais com filhos/as. Enquanto na *rush hour of life*, os casais com filhos representavam 61% para as mulheres e 63% para os homens (Torres, *et al.*, 2017), na fase tardia representam, respetivamente, 31% e 43%.
- Como seria de esperar, o aumento da proporção de casais sem filhos é notório na fase tardia da vida, situando-se em 32% no caso das mulheres e em 29% no caso dos homens. Estes dados traduzem a recomposição das

famílias nesta fase da vida, na sequência da saída dos filhos ou das filhas de casa.

- Apesar disto, a proporção de famílias monoparentais compostas por mulheres adultas e as suas crianças mantém-se em torno de 10%.
- Os agregados familiares que correspondem a famílias complexas representam 16% dos agregados familiares em Portugal no caso das mulheres e 15% no caso dos homens.
- As pessoas sós representam 10% dos agregados familiares em Portugal no caso das mulheres e 8% no caso dos homens. Nesta fase da vida, é mais expressiva a proporção de pessoas sós, o que se explica pela idade, fator que aumenta a probabilidade de viuvez e de divórcio.

Figura 2.1 Mulheres e Homens dos 55 aos 64 anos, por tipo de família, com filhos/as no seu agregado, UE 27 e Portugal, 2015 (%)

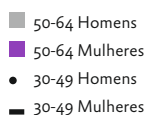


A conjugalidade é mais predominante em Portugal do que na União Europeia

- As famílias conjugais são mais predominantes no caso dos homens do que no caso das mulheres e são também mais predominantes em Portugal do que na Europa (valores médios para a UE 27) provavelmente por os homens, mais do que as mulheres, terem tendência para regressar à conjugalidade, após divórcio ou viuvez (Figura 2.2).
- A família conjugal corresponde ao tipo de família em que Portugal mais se afasta dos valores médios da União Europeia, sugerindo que a conjugalidade é muito predominante em Portugal.

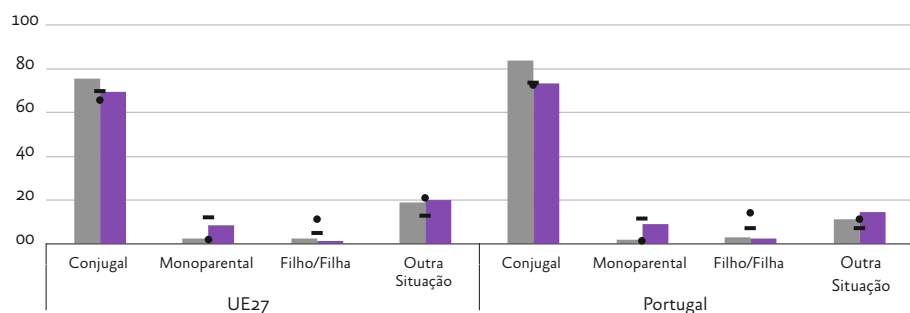
- As famílias monoparentais, quer em Portugal, quer na União Europeia, são predominantemente femininas (9,2% de mulheres face a 2% de homens para Portugal e 8,8% de mulheres face a 2,7% de homens na média da UE 27).
- As filhas ou os filhos a viver com ascendentes, em Portugal constituíam um tipo de família pouco representativo nesta fase da vida (com 3% de famílias deste tipo entre os homens e 2,5% entre as mulheres) sugerindo a raridade de pessoas com idade entre os 50 e os 64 anos a residirem com os seus ascendentes.

Figura 2.2 Tipos de famílias dos 50 aos 64 anos, Portugal e UE 27, por sexo, 2011 (%)



Fonte: Eurostat, Censos 2011. (<https://ec.europa.eu/CensusHub2/query.do?step=selectHyperCube&qhc=false>)

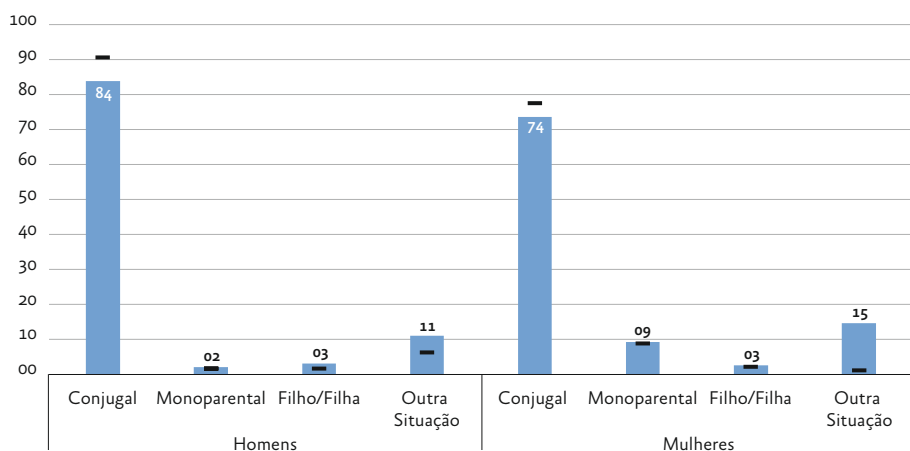
Nota: Filho/Filha representa os homens e mulheres dos 30 aos 49 anos que residem com, pelo menos, um dos pais. A Outra Situação inclui as não respostas e o não aplicável.



Ainda assim, a conjugalidade diminuiu entre 2001 e 2011

- A análise do arco temporal de 2001 a 2011 quanto ao tipo de família em Portugal revela uma diminuição da proporção de famílias conjugais, quer no caso dos homens (que em 2011 representam 83,9% das famílias), quer no caso das mulheres (que em 2011 representam 73,6% das famílias) (Figura 2.3).
- Para além da alteração nas famílias conjugais, neste período de 10 anos não se verifica grande alteração nos restantes tipos de família nesta fase da vida.

Figura 2.3 Tipos de agregados em que vivem as pessoas dos 50 aos 64 anos, Portugal, por sexo, 2001-2011 (%)



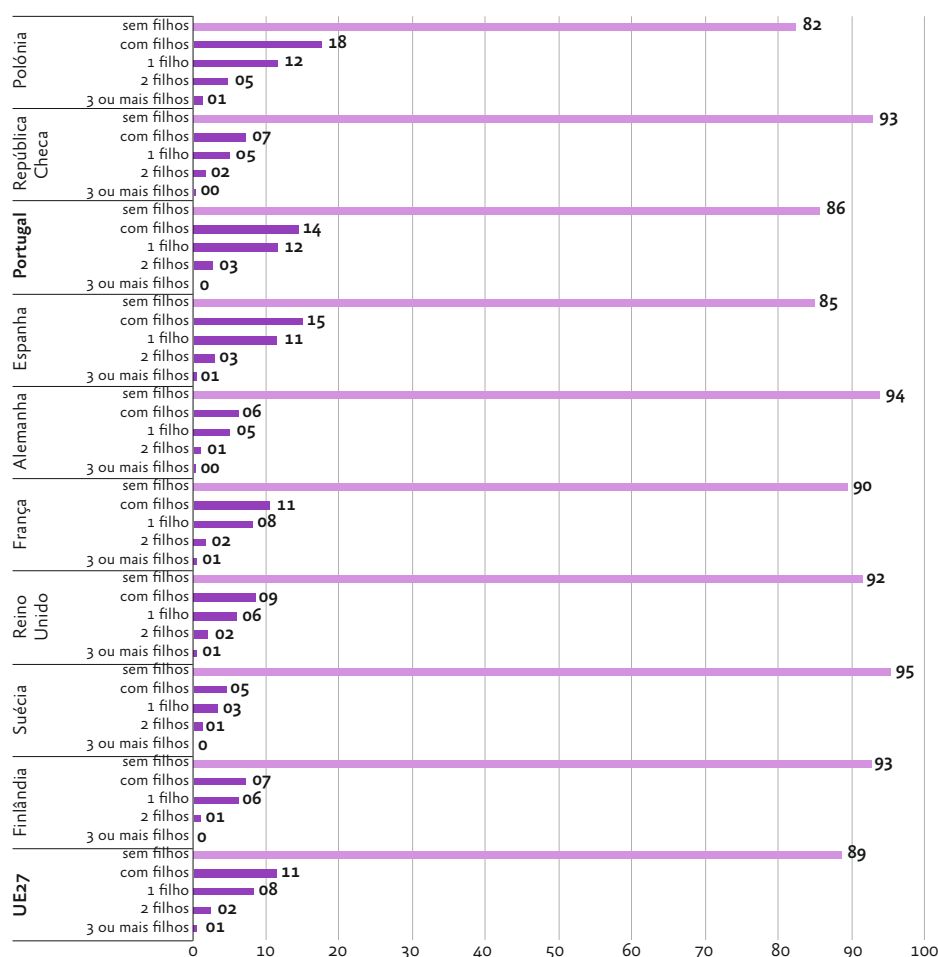
Fonte: Eurostat, Censos 2011. (<https://ec.europa.eu/CensusHub2/query.do?step=selectHyperCube&qhc=false>).
 Nota 1: Filho/Filha representa os homens e mulheres dos 30 aos 49 anos que residem com, pelo menos, um dos pais. A Outra Situação inclui as não respondidas e o não aplicável.
 Nota 2: O indicador que está a ser analisado refere-se aos agregados familiares em que os/as filhos/as estão presentes, isto é, a coabitar e, cumulativamente, têm até 25 anos e estão em dependência social e económica, completa, de outros membros do agregado.

Na fase tardia aumenta a proporção de mulheres sem filhos no agregado familiar, na Europa e em Portugal

- Na União Europeia a 27 Estados-membros, a maioria das mulheres, com idade entre os 55 e os 64 anos, não tem os/as filhos/as no seu agregado familiar: 88,7% das mulheres não tem filhos/as na UE 27 e 11,3% tem filhos/as no seu agregado (Figura 2.4).
- Em Portugal, tal como se verifica na União Europeia e em todos os países seleccionados, a grande maioria das mulheres com idade entre os 55 e 64 anos, não tem filhos/as com menos de 25 anos e dependentes social e economicamente da mãe a viver no seu agregado familiar, isto é, a residir consigo.
- Portugal é, entre os países apresentados na Figura 2.4, o segundo com maior proporção de filhos/as no agregado familiar das mulheres com idade entre os 55 e 64 anos, sendo a Polónia o primeiro.

Figura 2.4 Mulheres dos 55 aos 64 anos, com e sem filhos/as no agregado, por país, 2015 (%)

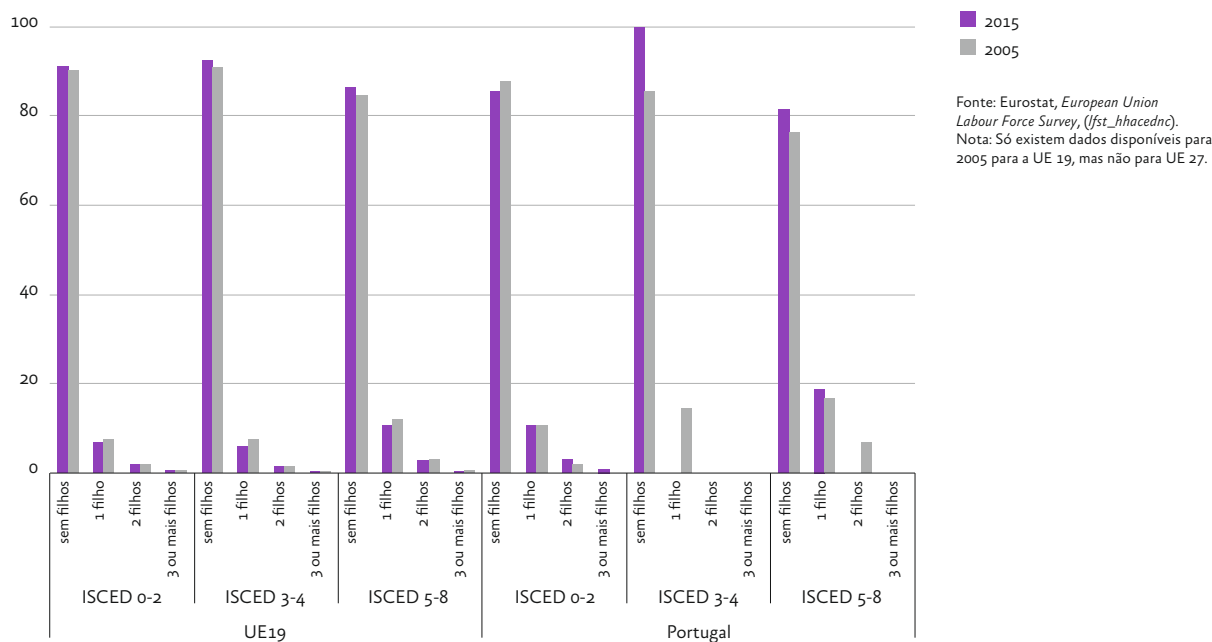
Fonte: Eurostat, *European Union Labour Force Survey, (lfst_hhaceday)*.
Nota: 100% é o número total de adultos (com e sem filhos).



Em Portugal, em 2015, diminui a proporção de mulheres sem filhos/as no seu agregado, no caso das mulheres com níveis de escolaridade intermédios e superiores, aumentando no caso das mulheres com níveis de escolaridade baixos.

- A maior parte das mulheres na fase tardia da vida não tem filhos/as a residir no seu agregado familiar, o que justifica a elevada proporção de mulheres sem filhos em Portugal e na União Europeia, sem diferenças assinaláveis entre estas unidades geográficas e também entre níveis de escolaridade (patentes nos ISCED).
- Quer na UE 19, quer em Portugal, em 10 anos (entre 2005 e 2015) registou-se uma diminuição da proporção de mulheres sem filhos no agregado, em todos os ISCED, ainda que em Portugal esta alteração seja mais explícita nos ISCED intermédios (3 e 4), como pode ver-se na Figura 2.5.

Figura 2.5 Mulheres dos 55 aos 64 anos, com e sem filhos/as no agregado, pela escolaridade das mulheres, Portugal e UE 19, 2005-2015 (%)



Risco de pobreza mais feminizado e a aumentar

Tendo em consideração os dados relativos ao risco de pobreza em Portugal e noutros países europeus em 2005 e 2015, verificam-se duas tendências essenciais (Figura 2.6):

- As mulheres, quer em Portugal, quer na maior parte dos países europeus, estão mais expostas ao risco de pobreza do que os homens. As exceções são a Finlândia, em 2005, e a Suécia, a Finlândia e a Polónia em 2015.
- A disparidade, penalizadora das mulheres na exposição ao risco de pobreza, diminuiu de forma transversal a todos os países europeus. Este fenómeno associa-se, em grande medida, ao aumento do risco de pobreza dos homens (no que a Polónia é a exceção).

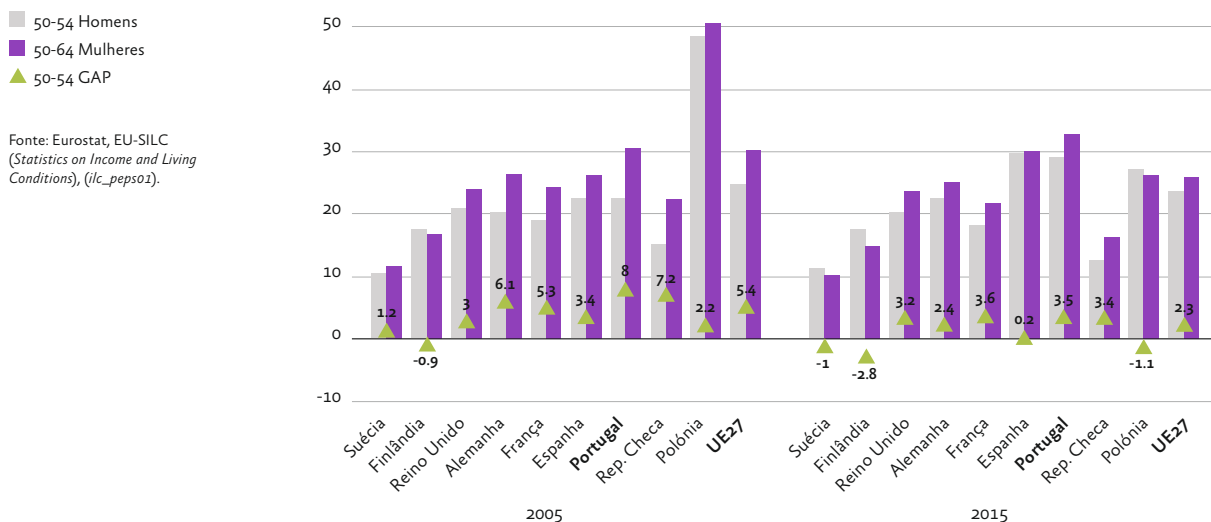
As mulheres em Portugal estão mais expostas ao risco de pobreza do que as mulheres na média da UE 27:

- Em 2005 o risco de pobreza das mulheres portuguesas nesta fase tardia era de 30,5% e na UE 27 30,2%; em 2015 esses valores passam a ser de 32,8% e de 26%, respetivamente.

Em Portugal, a diminuição da disparidade do risco de pobreza penalizadora das mulheres entre os 55 e os 64 anos no período 2005-2015 (em 2005 os

valores do risco à pobreza das mulheres na fase tardia da vida eram 8 p.p. mais elevados do que os dos homens da mesma idade e passaram a 3,5 p.p. em 2015) inscreve-se na tendência de aumento do risco de pobreza entre homens e mulheres e deve-se, fundamentalmente, ao aumento expressivo do risco de pobreza dos homens nesta fase da vida: um aumento de cerca de 7 pontos percentuais, passando os homens em Portugal a terem valores de exposição ao risco de pobreza superiores à média da UE 27.

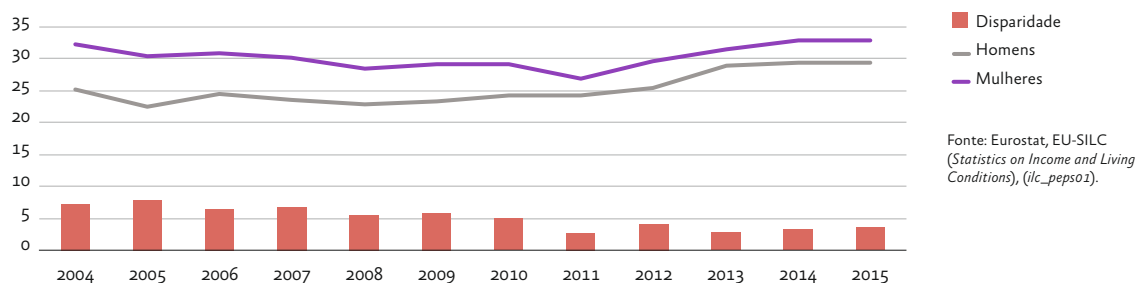
Figura 2.6 Pessoas em risco de pobreza e exclusão social entre os 50 e os 64 anos, por país e por sexo e disparidade entre homens e mulheres (2000 e 2015) (%)



- O risco de pobreza aumenta na fase tardia da vida e aumenta mais para mulheres do que para homens, mantendo-se este facto inalterado entre 2004 e 2015.
- O risco de pobreza na fase tardia da vida aumenta para cerca de 1/3 (32,8%) das mulheres com idades entre os 55 e os 64 anos, enquanto na *rush hour of life* estão em risco de pobreza cerca de 1/4 das mulheres (24,1%) (Figura 2.7).
- O risco de pobreza também aumenta para os homens na fase tardia, não alcançando 1/3 (29,3%) dos homens com idade entre os 50 e os 64 anos, embora a exposição ao risco também tenha aumentado para eles, considerando que na *rush hour of life* estão em risco de pobreza cerca de 1/4 dos homens (24,6%).
- Verifica-se um aumento do risco de pobreza sensivelmente a partir de 2011, quer no caso das mulheres, quer no dos homens, com idade entre os 50 e 64 anos.

- O aumento generalizado do risco de pobreza para toda a população tem efeitos sobre a disparidade de género fazendo diminuir a disparidade, mas porque aumenta, para mulheres e homens, o risco de pobreza. A disparidade, na fase tardia, é sempre positiva, penalizando as mulheres.

Figura 2.7 Evolução de homens e de mulheres, dos 50 aos 64 anos em situação de risco de pobreza, em Portugal, 2004-2015



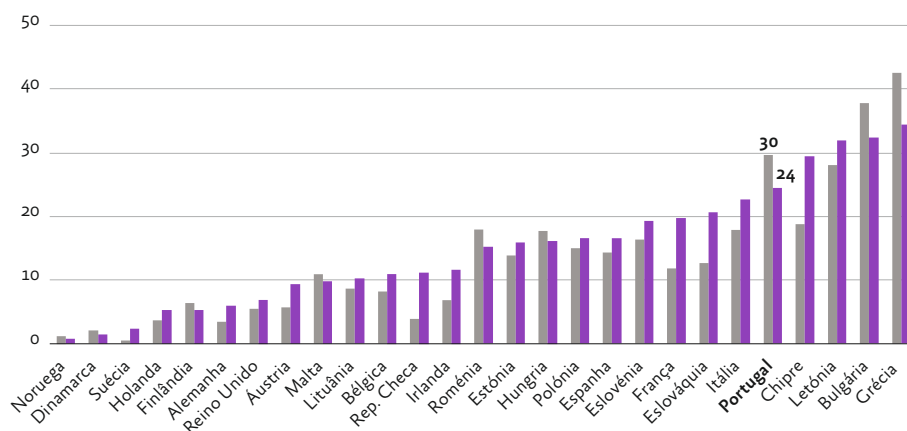
Homens a sentir mais dificuldades em fazer face às despesas

- Quando se questionam os homens europeus e as mulheres europeias relativamente à dificuldade em fazer face às despesas com o rendimento do agregado familiar, percebe-se que, na maioria dos países europeus, as mulheres registam maiores dificuldades do que os homens. No entanto, em países como a Grécia, Bulgária, Portugal e Roménia, existe uma diferença considerável penalizadora dos homens. Por exemplo, 29,7% dos portugueses inquiridos responderam ter “dificuldade ou muita dificuldade” face a 24,4% das portuguesas (Figura 2.7).
- Portugal, juntamente com a Grécia, Bulgária, Letónia e Chipre, são os países que reportam maiores dificuldades, contrastando com os países nórdicos (Noruega, Dinamarca, Suécia, Holanda, Finlândia), continentais como a Alemanha e Áustria, e o Reino Unido, em que menos de 6,5% dos homens e 9,5% das mulheres se encontram na mesma situação.
- De referir ainda que, comparando com os portugueses e as portuguesas do grupo etário dos 30 aos 49 anos, constata-se um aumento das dificuldades nos homens da fase tardia (de 23,0% para 29,7%) e uma diminuição das dificuldades nas mulheres da mesma fase (de 26,1% para 24,4%). Tal origina uma inversão da realidade no que ao género diz respeito, ou seja, se na *rush hour of life* eram mais as mulheres a reportar dificuldades ou muitas dificuldades no pagamento de despesas com o seu rendimento familiar, na fase tardia a situação revela-se mais penalizadora para os homens.

Figura 2.8 Proporção de pessoas que afirmam ter dificuldade ou muita dificuldade em fazer face às despesas com o rendimento do agregado familiar, por sexo, dos 50 aos 64 anos, 2015 (%)

■ Homens
■ Mulheres

Fonte: *European Working Conditions Survey (EWCS)*.



Considera-se risco de pobreza como a proporção da população com rendimento disponível equivalente abaixo da linha de pobreza, definida como 60% do rendimento médio nacional equivalente após as transferências sociais. Neste grupo etário, em Portugal, o risco de pobreza revela-se mais acentuado para as mulheres. A proporção de pessoas que afirmam ter dificuldade ou muita dificuldade em fazer face às despesas com o rendimento do agregado familiar constitui uma apreciação subjetiva e neste indicador são os homens que surgem mais penalizados. A diferença entre um dado objetivo e uma avaliação subjetiva pode explicar a diferença nas tendências registadas.

Em síntese, a conjugalidade continua a predominar face a outras formas de família – em toda a Europa e de modo muito expressivo, em Portugal. A análise de género ao risco de pobreza revela que o risco é mais elevado para as mulheres não se refletindo contudo numa apreciação subjetiva mais negativa da sua situação, já que são os homens, e não as mulheres, que referem ter mais dificuldades em fazer face às despesas com o rendimento do agregado familiar.

Capítulo 3

Articulação trabalho-família

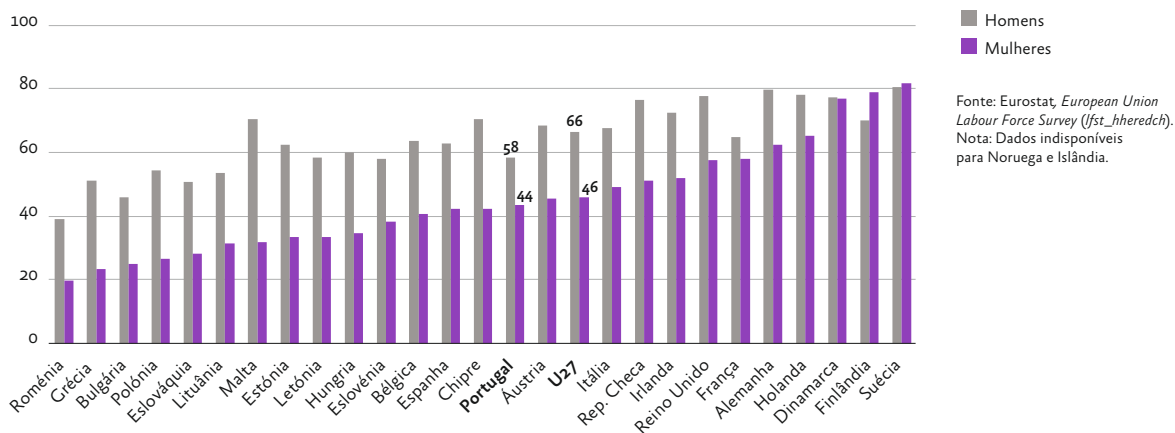
A *rush hour of life* define-se pelo forte investimento na dimensão profissional e na dimensão familiar, com as mulheres a despendem mais tempo nos cuidados à família e nas tarefas domésticas (trabalho não pago).

Na fase tardia da vida ativa, com a autonomização dos filhos e das filhas, será que as mulheres diminuem as horas que dedicam ao cuidar? E os homens participam menos ou mais na esfera doméstica e no cuidar? Que efeitos geracionais se podem aqui detetar?

Nesta idade da vida, a fase tardia da vida ativa, é importante analisar se a necessidade de articulação família-trabalho também se verifica. A dinâmica familiar de casais de duplo emprego obriga a uma análise de género em relação ao número de horas de trabalho pago e não pago.

- Ao analisar-se a realidade dos trabalhadores e das trabalhadoras com mais de 55 anos em Portugal, percebe-se que a taxa de emprego é relativamente baixa quando têm crianças com mais de 12 anos a viver consigo (58,3% e 43,7%, respetivamente) quando comparada com a média europeia (66,3% e 45,9%) (Figura 3.1).

Figura 3.1 Taxa de emprego de adultos/as, com mais de 55 anos, com crianças maiores de 12 anos, por país e sexo, 2016 (%)

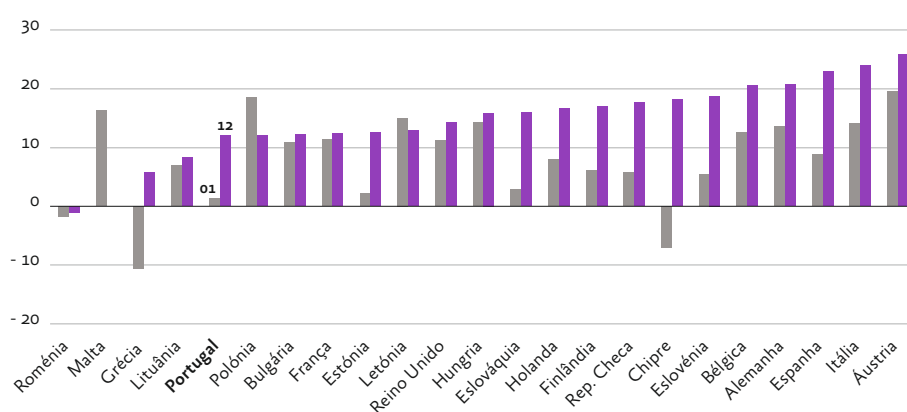


- No entanto, quando se observa a mudança registada entre 2005 e 2016 constata-se que houve um aumento da taxa de emprego, mais sentida nas portuguesas (12 p.p.) do que nos portugueses (1,3 p.p.) (Figura 3.2).
- Também na Europa, com a exceção dos homens romenos (-1,8 p.p.), dos gregos (-10,6 p.p.) e dos cipriotas (-6,9 p.p.), as taxas de emprego de todos os trabalhadores do sexo masculino com crianças com mais de 12 anos aumentaram. No caso das mulheres, a taxa de emprego só diminuiu na Roménia (-1,0 p.p.).

Figura 3.2 Mudança na taxa de emprego de adultos/as, com mais de 55 anos, com crianças maiores de 12 anos, por país e sexo, 2005-2016 (p.p.)

■ Homens
■ Mulheres

Fonte: Eurostat, *European Union Labour Force Survey (fst_hheredch)*.
Nota: Dados indisponíveis para UE 27 (média), Noruega, Dinamarca, Suécia, Irlanda e Islândia.



- Como já se tinha concluído para a *rush hour of life*, na maior parte dos países, os agregados familiares das trabalhadoras e dos trabalhadores entre os 50 e os 64 anos a viver em conjugalidade são maioritariamente compostos pelos dois elementos do casal a trabalhar a tempo inteiro. Na média europeia a 27, este tipo de agregados atinge os 54,3% (Figura 3.3). O modelo *male breadwinner* limita-se a 13,9% dos agregados familiares das europeias e europeus a viver em conjugalidade, o que significa um aumento relativamente ao verificado nos trabalhadores e nas trabalhadoras dos 30 aos 49 anos. Esta situação é ultrapassada por aquela em que o homem trabalha a tempo inteiro e a mulher a tempo parcial (20,4%).
- Na Holanda, Áustria, Alemanha e Bélgica existem mais agregados em que os homens trabalham a tempo inteiro e as mulheres a tempo parcial (53,6%, 44,3%, 42,3% e 39,5%) do que agregados em que ambos os elementos do casal trabalham a tempo inteiro (18,4%, 42,7%, 35,9% e 32,8%, respetivamente). Os casos em que as mulheres trabalham a tempo inteiro e os homens a tempo parcial são muito poucos e em alguns países inexistentes.

Figura 3.3 Distribuição de trabalhadores/as que vivem em casal por tipo de agregado, dos 50 aos 65 anos, por país, 2015 (%)

	Dois FT	Homem FT, Mulher PT	Mulher FT, Homem PT	Homem FT, Mulher em casa	Mulher FT, Homem em casa	Outros
Eslováquia	89,0	7,1	2,4	0,0	0,0	1,6
Hungria	88,5	1,9	2,6	3,8	0,0	3,2
Rep. Checa	83,5	7,9	4,3	2,9	0,7	0,7
Eslovénia	82,9	6,9	4,6	4,6	0,0	0,9
Finlândia	78,1	10,5	10,0	0,0	0,0	1,4
Bulgária	77,6	2,6	10,9	1,9	0,0	7,1
Estónia	74,5	11,3	10,6	1,4	0,0	2,1
Lituânia	73,2	10,7	4,8	7,1	0,0	4,2
Polónia	70,9	4,5	9,7	9,0	0,0	6,0
Letónia	69,1	12,7	6,4	5,5	1,8	4,5
Suécia	66,8	19,2	9,1	0,5	0,0	4,3
Dinamarca	66,7	22,9	6,9	1,3	0,0	2,2
Portugal	63,1	6,1	4,5	21,8	0,0	4,5
França	55,5	22,0	6,0	10,5	0,0	6,0
UE27	54,3	20,4	6,4	13,9	0,2	4,9
Chipre	53,7	15,4	4,9	22,8	0,0	3,3
Noruega	53,2	32,7	7,8	2,9	0,0	3,4
Roménia	50,0	3,8	5,4	29,2	1,5	10,0
Espanha	47,2	15,7	2,4	29,5	0,0	5,2
Itália	44,6	15,8	1,9	34,6	0,0	3,1
Austria	42,7	44,3	2,3	9,2	0,8	0,8
Grécia	41,9	8,1	1,6	45,2	0,8	2,4
Reino Unido	40,1	33,3	12,1	7,4	0,0	7,1
Alemanha	35,9	42,3	6,4	10,6	0,3	4,5
Bélgica	32,8	39,5	11,3	7,0	0,3	9,0
Irlanda	30,3	25,1	10,3	23,1	0,0	11,3
Malta	26,9	13,1	2,9	52,0	0,0	5,1

Fonte: *European Working Conditions Survey (EWCS)*.

Nota 1: Dados indisponíveis para a Islândia.

Nota 2: "Outros" inclui os casais em que ambos trabalham a tempo parcial e os casais em que um trabalha a tempo parcial e o outro está em casa.

• Relativamente aos agregados familiares das trabalhadoras e dos trabalhadores que não estão a viver em conjugalidade, percebe-se que há grandes diferenças por país. Enquanto nos países nórdicos há uma proporção considerável de homens a viver sozinhos e mulheres a viver sozinhas, nos países continentais, há uma proporção relevante de agregados monoparentais femininos; nos países do sul, do leste e liberais, a percentagem de pessoas a viver com outros é ainda relevante (Figura 3.4). Tomando o exemplo de Portugal, 58,6% dos agregados de trabalhadores e trabalhadoras que não estão a viver em conjugalidade são situações de pessoas a viver com outros, 21,0% dos agregados são mulheres a viver sós, e 13,0% são homens a viver sós.

Figura 3.4 Distribuição de trabalhadores/as, que não vivem em casal, por tipo de agregado, dos 50 aos 65 anos, por país, 2015 (%)

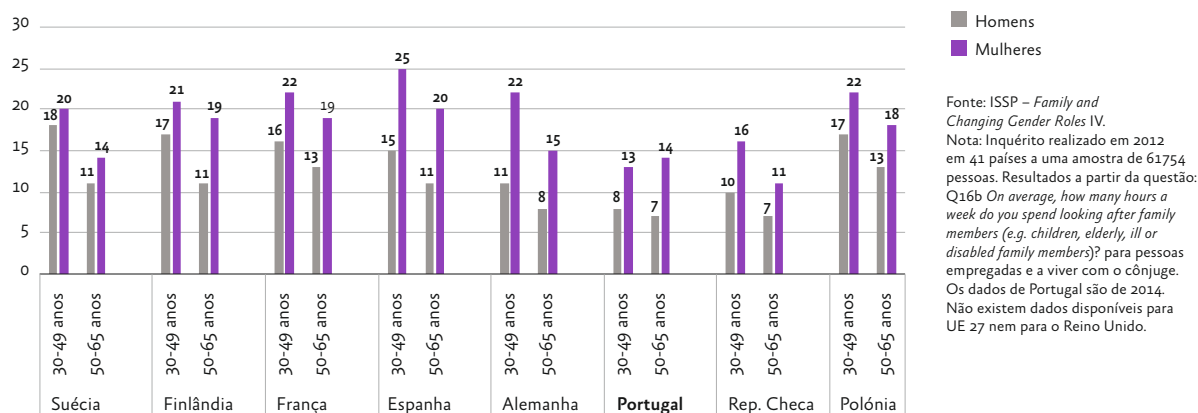
Fonte: *European Working Conditions Survey (EWCS)*.
Nota 1: Dados indisponíveis para a Islândia.

	Homem Só	Mulher Só	Monoparental Homem	Monoparental Mulher	Outros
Finlândia	37	43	05	07	08
Dinamarca	34	33	02	16	16
Irlanda	32	20	01	12	35
Holanda	32	35	07	19	07
Áustria	31	33	02	08	26
Suécia	27	46	06	16	06
Bélgica	26	31	08	24	10
Reino Unido	26	25	03	13	33
Itália	26	14	03	15	43
França	24	40	03	24	10
UE27	22	27	03	12	35
Chipre	20	21	04	25	30
Malta	19	10	08	09	54
Noruega	19	41	08	16	16
Hungria	18	33	00	09	40
Rep. Checa	18	40	01	08	32
Polónia	18	30	03	10	40
Grécia	18	18	00	11	53
Roménia	17	10	00	05	67
Estónia	17	44	02	10	27
Espanha	17	15	03	13	53
Eslovénia	16	13	03	09	58
Letónia	15	29	01	08	48
Portugal	13	21	01	06	59
Eslováquia	13	31	03	14	40
Lituânia	12	54	01	12	22
Bulgária	09	11	01	04	74

Apesar do aumento da participação feminina no mercado de trabalho e da massificação dos casais de duplo emprego na maioria dos países da Europa, os homens dos 50 aos 64 anos não aumentaram a participação na esfera doméstica e familiar de forma tão acentuada como as mulheres o fizeram no mercado de trabalho. O que explica a penalização das mulheres na articulação das responsabilidades profissionais e familiares (Perista *et al.*, 2016; Wall *et al.*, 2016).

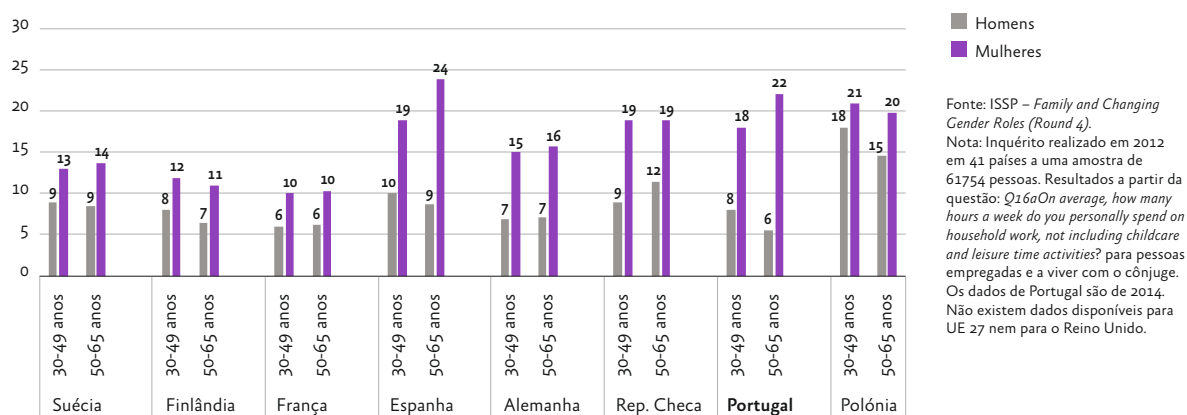
As mulheres deste grupo etário continuam a despende em média mais horas por semana a cuidar da família. A maior diferença entre homens e mulheres verifica-se em Espanha (10 horas) e a menor na Suécia (3 horas). Portugal tem uma diferença entre homens e mulheres de 7 horas semanais, com as mulheres a dedicar 14 horas a cuidar da família e os homens 7 horas (Figura 3.5).

Figura 3.5 Média de horas passadas a cuidar da família, por sexo e país, 2012



- São também as mulheres que passam mais horas durante a semana a cuidar da casa. A maior diferença entre homens e mulheres verifica-se e em Portugal (16 horas) e a menor em França (4 horas) (Figura 3.6).
- Comparando com as pessoas do grupo etário dos 30 aos 49 anos de idade, o grupo etário dos 50 aos 64 anos depende na globalidade as mesmas horas neste tipo de trabalho, no caso das mulheres, com exceção para a Espanha e Portugal, em que a situação se agrava com o envelhecimento (+5 horas e +4 horas, respetivamente). No caso dos homens, as exceções encontram-se na República Checa, no sentido do agravamento (+3 horas), e em Portugal e Polónia no sentido da redução (-2 horas e -3 horas, respetivamente).

Figura 3.6 Média de horas passadas a cuidar da casa, por sexo e país, 2012



Este agravamento da penalização feminina no trabalho não pago na fase tardia da idade ativa pode ser explicado pela principal atividade das pessoas

dos 50 aos 65 anos de idade em Portugal. Como é possível constatar no Quadro 3.1, 20,8% das portuguesas estão a cuidar da casa ou de familiares face a apenas 2,2% dos homens. Isto porque a maioria dos homens continua integrada no mercado de trabalho (57,0%), o que não acontece com as mulheres (39,3%).

Quadro 3.1 Principal atividade nos últimos 7 dias em Portugal, dos 50 aos 65 anos, por sexo, 2014 (%)

	Homens	Mulheres
Trabalho pago	57,0	39,3
Educação	1,5	1,2
Desemprego	9,6	10,7
Doença ou incapacidade permanente	8,1	8,3
Reforma	20,7	16,7
Cuidados à casa ou a familiares	2,2	20,8
Outra	0,7	3,0
Total	100	100

Fonte: *European Social Survey* (ESS).

- A genderização da dedicação à casa e aos cuidados é sustentada por outros estudos nomeadamente, o estudo coordenado por Wall (2016), que realça o maior número de horas despendidas pelas mulheres dos 45 aos 64 anos em tarefas domésticas e cuidados face a mulheres mais jovens, e o estudo coordenado por Perista (2016) que sublinha o aumento da disparidade de género no grupo etário dos 45 aos 64 anos (quase 3 horas por dia).

Acentuada desigualdade na distribuição do trabalho não pago na fase tardia

Com o objetivo de compreender a divisão do trabalho não pago entre homens e mulheres, destacam-se duas publicações que trazem importantes contributos: o *Livro Branco. Homens e Igualdade de Género em Portugal* (Wall *et al.*, 2016) e *Os Usos do Tempo de Homens e de Mulheres em Portugal* (Perista *et al.*, 2016). Em ambos os estudos surgem resultados semelhantes e também complementares.

Para uma visão geral sobre o tema no grupo etário dos 45 aos 64 anos, selecionam-se as seguintes informações relevantes na obra de Wall *et al.*, (2016):

- Entre 2002 e 2014, as mulheres e os homens diminuíram em quase 1 hora o tempo despendido em trabalho pago. Elas despendiam em 2002, em média, cerca de 39h e passaram a despendem em 2014 cerca de 38 horas. Enquanto os homens mais velhos despendiam cerca de 45 horas e passaram a despendem um número médio de cerca de 44 horas.

- Durante o mesmo período temporal as mulheres diminuíram a participação em tarefas domésticas (de 30,8 horas passaram para 27 horas), enquanto os homens diminuíram, mas ligeiramente, a participação (de 7,4 horas para 7,1 horas semanais). Ainda assim, elas dedicavam em 2014 quase 20 horas a mais do que eles, semanalmente, a tarefas domésticas.
- No entanto, somando as tarefas domésticas aos cuidados, a disparidade atinge a sua expressão máxima neste grupo etário em 2014 (cerca de 34 horas): eles despendiam um número médio de 13 horas semanais no trabalho não pago, enquanto elas despendiam um número médio de 47,8 horas.
- Em 2014, as mulheres mais velhas dedicavam às tarefas domésticas quase 8 horas a mais do que as mulheres mais novas (30 aos 44 anos), isto é, as mulheres mais velhas despendiam uma média de 27 horas semanais em tarefas domésticas enquanto as mais novas cerca de 19 horas. Já os homens mais velhos dedicavam em torno de 4h semanais a menos do que os homens mais novos, com os mais velhos a despendem uma média de cerca de 7 horas semanais enquanto os mais novos despendiam em média 10,7 horas.
- Relativamente aos cuidados, em 2014, as mulheres mais novas dedicavam-lhes em média 21,9 horas por semana enquanto as mais velhas dedicavam 20,8 horas. De maneira que as mulheres mais velhas dedicavam aos cuidados cerca de 1 hora a menos do que as mais novas. Os homens mais novos, por sua vez, despendiam 10,7 horas aos cuidados e os mais velhos 7,1 horas por semana, uma diferença de cerca de 3 horas.

Da publicação de Perista *et al.* (2016), destaca-se:

- As mulheres dos 45 aos 64 anos dedicavam, em 2015, cerca de 4 horas e 32 minutos por dia ao trabalho não pago enquanto os homens dedicavam cerca de 2 horas e 36 minutos. Apesar das mulheres mais novas (dos 25 aos 44 anos) realizarem mais trabalho não pago (5 horas e 28 minutos) verifica-se em 2015 que os homens mais novos também aumentaram a sua participação (3 horas e 06 minutos). É no grupo etário mais velho que se encontra a maior disparidade de género, quase três horas (2 horas e 56 minutos) nos dias úteis.
- As mulheres desse grupo etário que vivem com pessoas adultas com dependência ou incapacidade são as que mais afirmam prestar cuidados nos dias úteis. Os homens afirmaram dedicar menos de metade do tempo (1 hora e 26 minutos) do que mulheres (3 horas e 13 minutos) a esse tipo de cuidados.
- Apesar da prestação de cuidados, as mulheres neste grupo etário apresentavam uma taxa de atividade profissional de 39,9%, bastante próxima da dos homens (41,5%), com uma disparidade de apenas 1.6 p.p.
- Mais mulheres do que homens nesse grupo etário sentiam fazer mais do que é justo e afirmavam que lhes faltava tempo para a sua vida pessoal.

Em síntese, as mulheres dos 45 aos 64 anos têm uma grande sobrecarga de tarefas domésticas e, apesar de teoricamente não ser esperado que tenham crianças pequenas a cargo, ainda investem uma considerável quantidade de horas nos cuidados. Enquanto os homens, do mesmo grupo etário, são dos que

menos tempo investem em trabalho não pago, tanto nas tarefas domésticas como nos cuidados. O que coloca as mulheres mais velhas como principais responsáveis pelo trabalho não pago do seu agregado e como importante fonte de apoio à família.

Em síntese, na fase tardia da vida ativa continuam a predominar os casais de dupla carreira na Europa e em Portugal, tornando essencial analisar, sob uma lente de género, a articulação trabalho-família, concluindo-se que a presença de mulheres no mercado de trabalho pago não encontra equivalente de presença ativa dos homens no trabalho não pago.

Capítulo 4

Violência e Crime

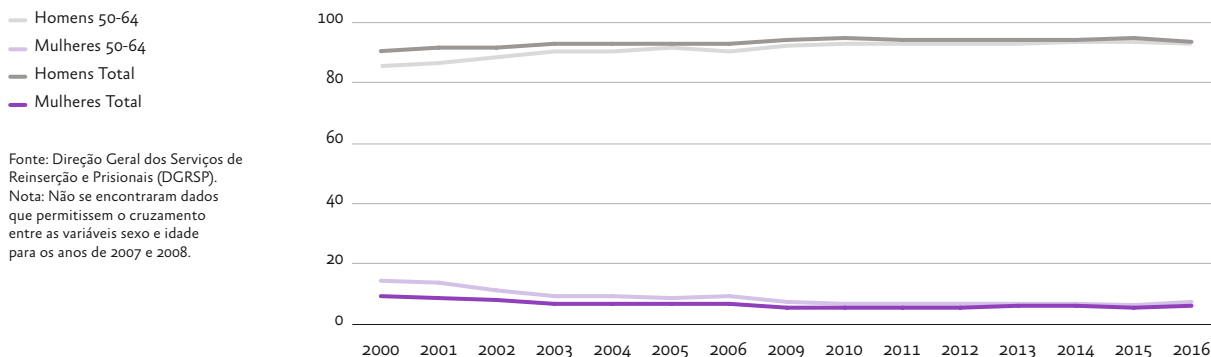
Neste capítulo analisa-se a ocorrência de crime em função do género e a percepção, de homens e mulheres, acerca da violência de género.

Em que contextos homens e mulheres estão mais expostos/as à violência? E como difere a sua percepção acerca da violência de género?

Apesar de a violência e o crime poderem não coincidir, uma vez que nem todas as manifestações de violência estão definidas como crimes, a população prisional é um indicador importante por exprimir a dimensão de crime cometido por pessoas que foram por isso julgadas e às quais foi aplicada a pena mais grave.

- No que diz respeito à população prisional portuguesa, percebe-se não só uma imensa disparidade de género, com uma proporção de reclusos do sexo masculino muito superior à do sexo feminino, quer no grupo etário dos 50 aos 64 anos (92,8% e 7,2%, respetivamente em 2016), quer na totalidade da população reclusa (93,7% e 6,3% para o mesmo ano); percebe-se também que esta disparidade se tem mantido relativamente estável ao longo do período temporal 2000-2016, embora com um ligeiro aumento (Figura 4.1). Ambas as tendências (a masculinização da população prisional em 2016 e a regularidade dessa masculinização ao longo do arco temporal em análise) são confirmadas pelas aplicações feitas em 2001, 2007 e 2014 do estudo “Inquérito Nacional sobre Comportamentos Aditivos em Meio Prisional” coordenado por Torres (2016).
- Isto pode ser explicado pelo facto de a manifestação de indiferença ao medo, assumindo comportamentos de risco ou violentos, fazer parte da afirmação de uma certa forma de masculinidade, como fator de demonstração de força e de poder perante as mulheres e outros homens. Deste modo, os homens expõem-se mais a situações de criminalidade e violência.

Figura 4.1 População prisional em Portugal, 50-64 anos e população global, por sexo, 2000-2016 (%)



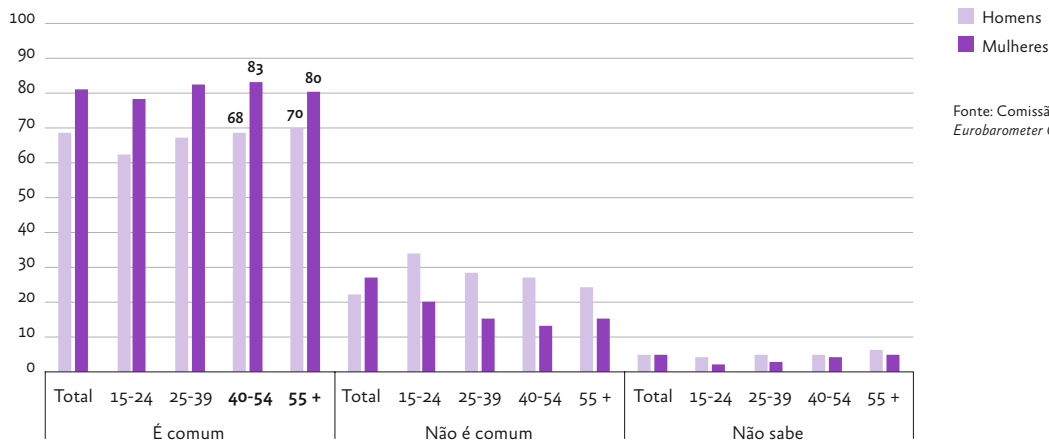
Fonte: Direção Geral dos Serviços de Reinserção e Prisionais (DGRSP).
Nota: Não se encontraram dados que permitissem o cruzamento entre as variáveis sexo e idade para os anos de 2007 e 2008.

Perceção sobre a violência de género

- A maior parte das pessoas inquiridas em Portugal para o Eurobarómetro (inquérito sobre a perceção da população acerca da violência de género, conduzido pela Comissão Europeia) considera que a violência contra as mulheres é comum, sendo, em todos os escalões etários, sempre maior a proporção de mulheres com esta opinião comparativamente à proporção de homens (Figura 4.2).
- A proporção de homens aumenta ligeiramente quando se compara a perceção de homens com idades entre os 40 e 54 anos e homens com 55 e mais anos, passando de 68% para 70%.
- Quando a pergunta é “Em termos gerais, quão comum pensa ser a violência contra os homens em Portugal?” verifica-se que a maior parte das pessoas inquiridas, homens e mulheres, independentemente da idade, considera que a violência contra os homens não é comum (acima de 60%), embora sejam sempre mais homens do que mulheres a considerar que a violência contra os homens não é comum em Portugal.
- Verifica-se um ligeiro decréscimo da proporção de indivíduos com 55 e mais anos de idade que consideram que a violência contra os homens não é comum em Portugal, comparativamente ao que se verifica no escalão etário dos 40 aos 54 anos (Figura 4.3).

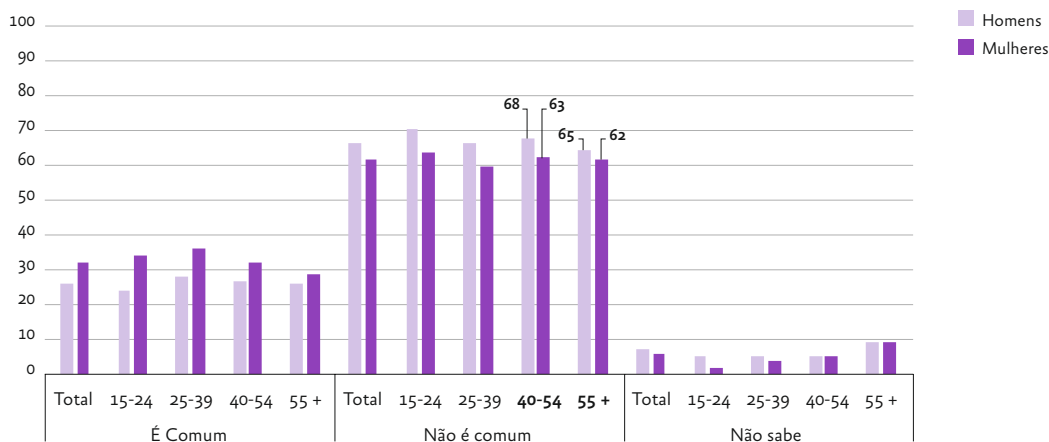
Figuras 4.2 e 4.3 Perceção da prevalência da violência contra as mulheres na UE 28 e Portugal, por grupo etário e sexo, 2016 (%)

“Em termos gerais, quão comum pensa ser a violência contra as mulheres em...(no seu país)?”



Fonte: Comissão Europeia, *Special Eurobarometer Gender-based violence 449*.

“Em termos gerais, quão comum pensa ser a violência contra os homens em...(no seu país)?”



Em suma, neste capítulo analisa-se um tema marcado pelo género. É transversal aos países europeus que a violência no espaço público e entre desconhecidos é predominantemente masculina. As mulheres, ao invés, estão maioritariamente representadas entre as vítimas e no privado.

Capítulo 5

Saúde e causas de morte

Neste ponto apresentam-se os principais problemas de saúde analisados por género, assim como as principais causas de morte, assinalando fatores de género que emergem como estando ligados à saúde, doença e morte.

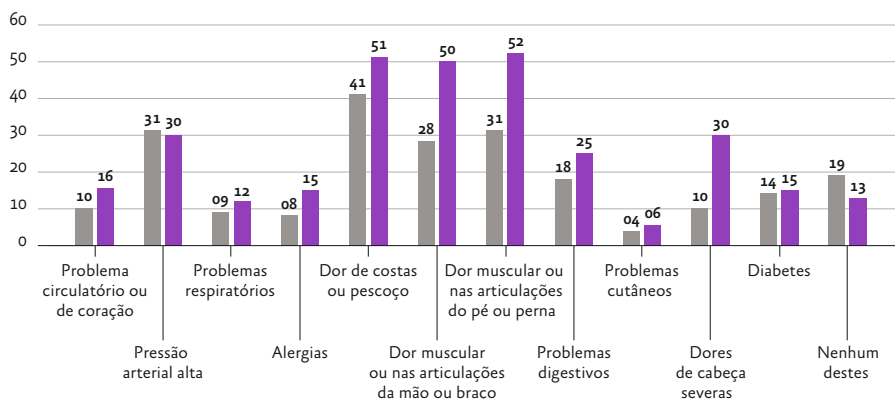
Que padrões de género se identificam nos comportamentos e problemas de saúde e nas causas de morte?

- Vários estudos revelam diferenças de género na saúde, penalizando as mulheres, nomeadamente na dor crónica (frequência, intensidade e duração, Sarah *et al.*, 2007; Rustøen *et al.*, 2004), e nas doenças crónicas (Varkey, 2004) e/ou psiquiátricas (Binswanger *et al.*, 2011; Piccinelli and Wilkinson, 2000; Kornstein *et al.*, 2000). Esta tendência observa-se na Figura 5.1, em que, com exceção da diabetes e da pressão arterial alta, mais mulheres do que homens dos 50 aos 65 anos, em Portugal, apresentam problemas de saúde, como dores, problemas respiratórios e do aparelho circulatório.

Figura 5.1 Tipos de problemas de saúde dos 50 aos 65 anos, em Portugal, por sexo, 2014 (%)

■ Homens
■ Mulheres

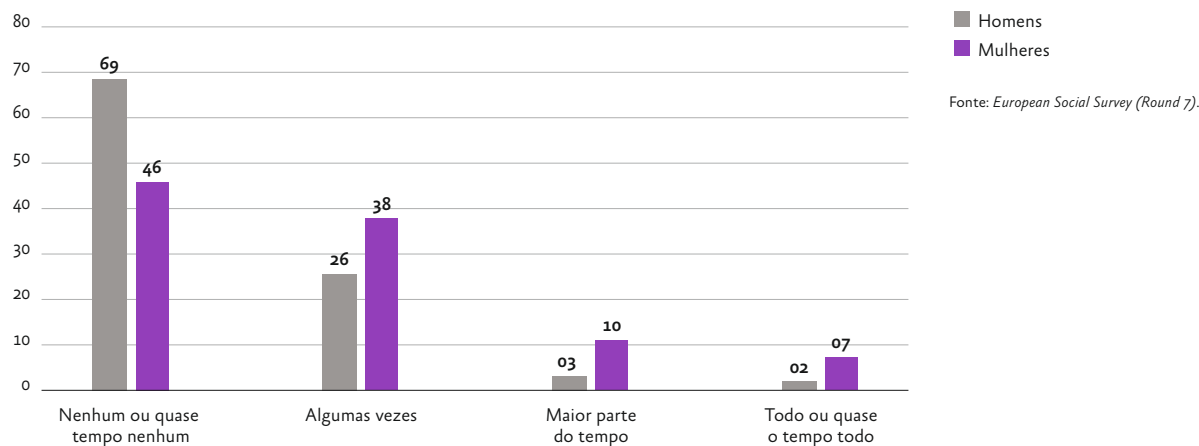
Fonte: *European Social Survey (Round 7)*.



- Para além deste tipo de problemas, as mulheres também reportam mais perturbações frequentes do sono, que vão aumentando à medida que

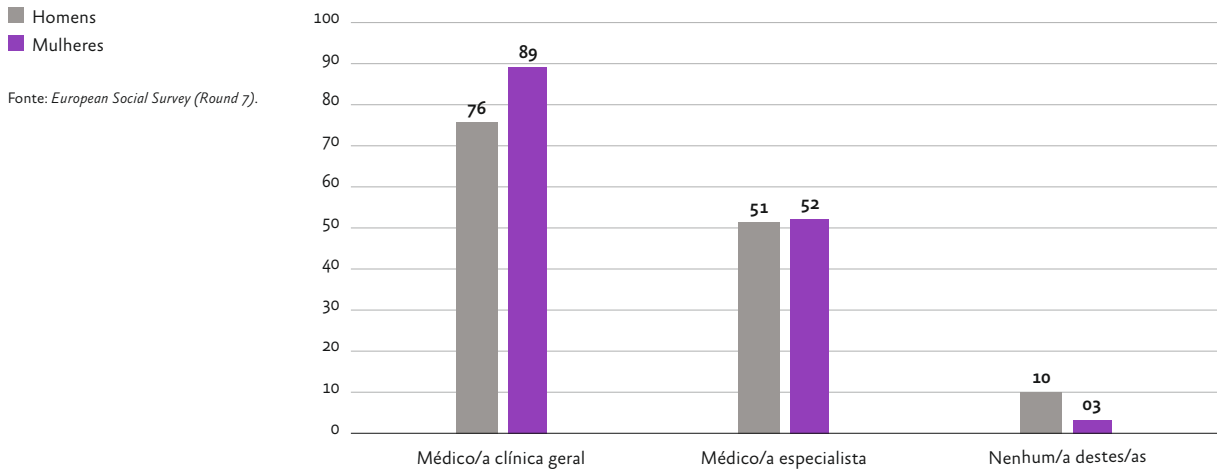
elas vão envelhecendo, e a presença de sentimentos depressivos; as portuguesas, na fase tardia da idade ativa, mais do que os homens, declaram ter-se sentido deprimidas em algum momento na última semana (55,5% face a 31,2%) (Figura 5.2).

Figura 5.2 Na última semana com que frequência se sentiu deprimido/a, dos 50 aos 65 anos, em Portugal, por sexo, 2014 (%)



- Esta situação, penalizadora das mulheres no que à saúde diz respeito pode explicar, em parte, o maior recurso das mulheres aos cuidados de saúde (Ferreira da Silva & Alves, 2002). A utilização mais intensiva dos cuidados de saúde pelas mulheres explica-se também pela maior proximidade que tradicionalmente mantêm com a esfera do cuidar, podendo constituir uma vantagem para a proteção da saúde feminina.
- Em Portugal, em 2014, 89,4% das mulheres entre os 50 e os 64 anos de idade referem ter recorrido a um/a médico/a de clínica geral face a 75,5% dos homens. Quase 10 % dos homens declaram não ter falado com médicos/as de clínica geral nem médicos/as especialistas sobre o seu estado de saúde (Figura 5.3).

Figura 5.3 Com quem falou sobre o seu estado de saúde nos últimos 12 meses, dos 50 aos 64 anos, Portugal, 2014 (%)



Fonte: *European Social Survey (Round 7)*.

- Relativamente às causas de morte, na fase tardia da vida ativa, tanto em Portugal como na União Europeia a 28 países, a maior parte dos homens e das mulheres morre devido a neoplasias, embora seja maior a proporção de mulheres (53,3% das portuguesas face a 43,7% dos portugueses e 52,8% das europeias face a 39,4% dos europeus) (Figura 5.4).
- Mais homens do que mulheres morrem por doenças do sistema circulatório (20,4% e 16,4%, respetivamente) e por causas externas (8,5% e 6,0%). A masculinização das causas externas de morte explica-se pela tendência para os homens se exporem mais a situações de risco podendo potenciar a ocorrência de acidentes e de violência, no sentido de reafirmarem uma certa forma de masculinidade, ao demonstrarem maior virilidade e agressividade, exprimindo de forma simbólica o seu poder através do uso de armas (mortes por violência) ou da condução perigosa ou arriscada de veículos (mortes por acidentes rodoviários). A afirmação desta forma de masculinidade traduz-se, assim, em situações e contextos de tensão e conflito exacerbado, o que os torna mais vulneráveis a comportamentos de risco e situações de morte prematura evitáveis— sendo eles os que mais morrem e matam (Pedroso, 2013; Moura *et al.*, 2015).

Figura 5.4 Causas de morte das pessoas dos 50 aos 64 anos por sexo, Portugal e UE 28, 2014 (%)



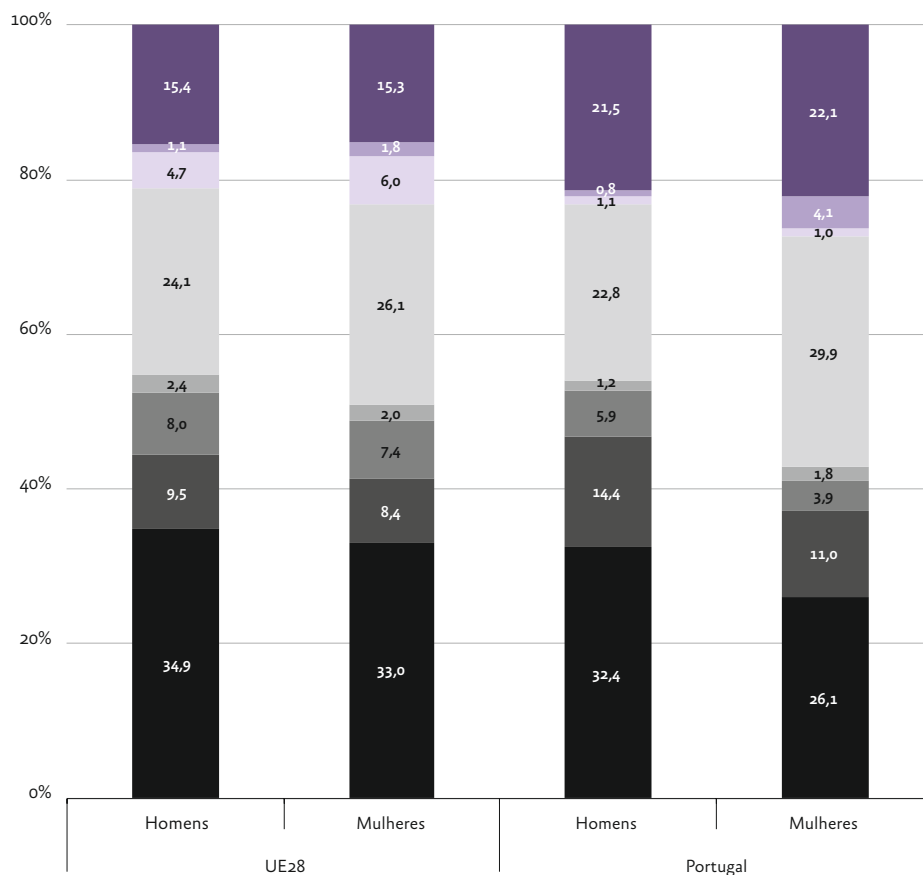
Fonte: Eurostat. Dados administrativos obtidos através de informação em certidões de óbito (*hlth_cd_acdr2*).

O suicídio é um fenómeno genderizado

- Quando consideradas apenas as causas externas de morte, percebe-se que a maior parte das mortes ocorridas por este tipo de causas se devem a acidentes e suicídios. Apesar de não se verificarem diferenças assinaláveis entre europeias e europeus, em Portugal, os homens entre os 50 e os 65 anos as principais causas de morte externa para os homens são os acidentes (32,4%) e os acidentes rodoviários (14,4%) enquanto para as mulheres são o suicídio (29,9%) (Figura 5.5).
- No entanto, quando se analisa a taxa bruta de suicídio percebe-se que mais homens do que mulheres cometem suicídio. Apenas, proporcionalmente, mais homens ainda morrem de acidente, reduzindo o peso das mortes por suicídio no total de mortes por causas externas entre os homens.
- Este resultado confirma as tendências constatadas em estudos como o de Bilsker e White (2011) e o de Varnik *et al.* (2008), que apontam para que as mulheres registem, em todas as idades, uma proporção consideravelmente mais elevada de tentativas de suicídio, apresentando mais comportamentos de autoagressão intencional, mas menores taxas de suicídio por recorrerem tendencialmente a métodos menos agressivos, como sobredosagens medicamentosas.

Figura 5.5 Causas externas de morte das pessoas dos 50 aos 64 anos por sexo, Portugal e UE 28, 2014 (%)

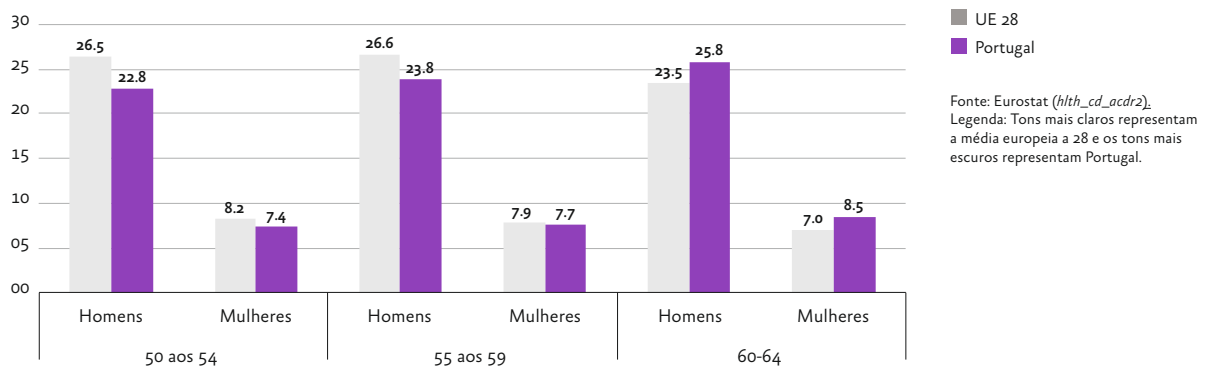
- Acidentes
- Acidentes rodoviários
- Quedas
- Afogamentos
- Suicídio
- Envenenamento
- Agressão
- Outras causas externas



Fonte: Eurostat. Dados administrativos obtidos através de informação em certidões de óbito (*hlth_cd_acdr2*)

- Assim, tal como já se tinha constatado nas fases da vida anteriores, também nas idades compreendidas entre os 50 e os 64 anos os homens registam maiores taxas de suicídio do que as mulheres (Figura 5.6).
- Se dos europeus que morreram por causas externas de morte entre os 50 aos 54 anos de idade, 26,5% se suicidaram, este valor baixa para os 8,2% nas europeias. Em Portugal, a tendência é a mesma, com 22,8% e 7,4%, respetivamente.

Figura 5.6 Taxa de suicídio por sexo para Portugal e a média europeia a 28 (dos 50 aos 64 anos), 2014 (%)



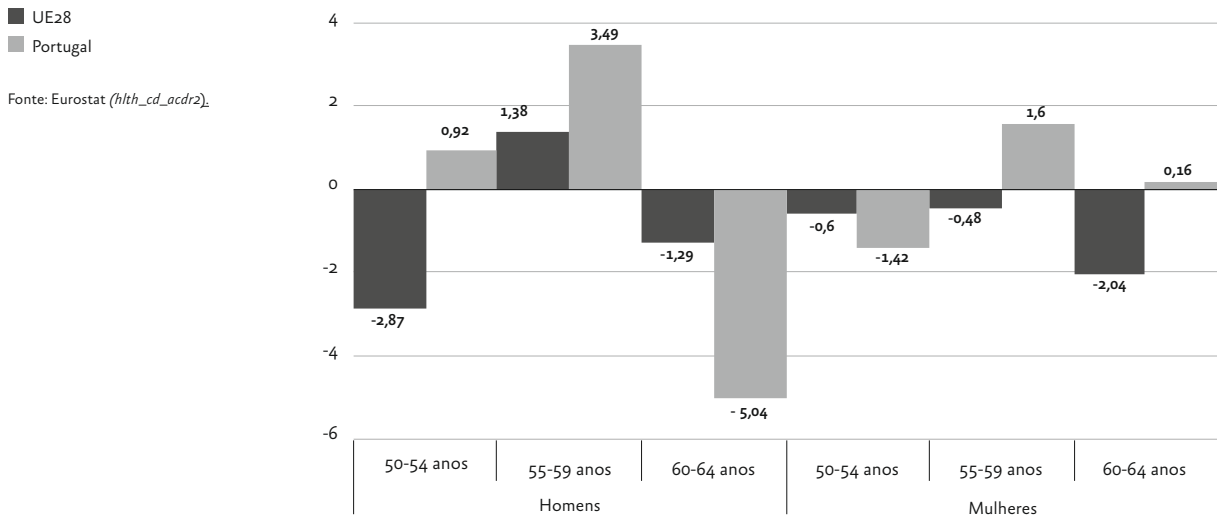
Isto poderá ser explicado, não só pela relutância por parte dos homens em procurar ajuda médica no que diz respeito a doenças mentais, devido ao estigma associado e às expectativas de força, virilidade e resiliência nos homens, mas também pelos métodos mais mortais utilizados pelos homens no suicídio.

Suicídio mais consumado pelos homens

- Bilsker e White (2011) mostram como as mulheres registam em todas as idades uma proporção consideravelmente mais elevada de tentativas de suicídio, registando mais comportamentos de autoagressão intencional, mas menores taxas de suicídio. Esta situação deve-se aos diferentes métodos utilizados por homens e mulheres.
- Os homens tendem a utilizar métodos mais mortais como armas de fogo ou enforcamento e as mulheres métodos menos agressivos como sobredosagens medicamentosas. O estudo pan-europeu coordenado por Varnik (Varnik *et al.*, 2008) que analisou resultados sobre métodos de suicídio em 119.122 homens e 41.338 mulheres de 16 países europeus entre 2000 e 2005 concluiu que os métodos mais mortais (armas de fogo e enforcamento) são na sua larga maioria utilizados por homens (62%).
- Bilsker e White (2011) avançam possíveis explicações para o recurso a diferentes métodos por homens e mulheres, depois da análise de várias pesquisas internacionais. Nomeadamente, referem que os homens tendem mais a sentir-se sem esperança e com maior intenção de morrer. Mais provavelmente estarão intoxicados (por álcool ou droga) no momento da tentativa e por isso mais desinibidos, menos preocupados com as consequências das suas ações e mais dispostos a ter comportamentos que os magoem ou desfigurem.

- Quando se analisa a mudança entre 2004 e 2014 para Portugal e para a União Europeia, percebe-se que homens europeus e mulheres europeias registaram uma tendência para a diminuição da taxa de suicídio (com exceção para os homens dos 55 aos 59 anos que apresentaram um aumento de 1,4 p.p.), tendência seguida por portugueses e portuguesas, com exceção dos homens e mulheres dos 55 aos 59 anos de idade (aumento de 3,5 p.p. e 1,6 p.p., respetivamente) (Figura 5.7).

Figura 5.7 Mudança na taxa de suicídio por sexo para Portugal e a média europeia a 28, 2004-2014 (p.p.)



Em síntese, a análise de género revela que as mulheres apresentam mais e maior diversidade de problemas de saúde admitindo-se, contudo, que também elas recorram mais aos serviços de saúde estando assim a sua situação melhor diagnosticada. Verificou-se ainda que as principais causas de morte traduzem padrões de género, com os homens a manifestarem causas de morte ligadas a uma certa forma de vivência da masculinidade.

Capítulo 6

Valores

Os valores de homens e de mulheres na fase tardia da vida ativa serão distintos? Esta é a pergunta que orienta a análise das atitudes de homens e mulheres quanto a afirmações que permitem aferir a sua posição face à igualdade de género, à articulação trabalho-família e à posição dos homens e mulheres no mercado de trabalho.

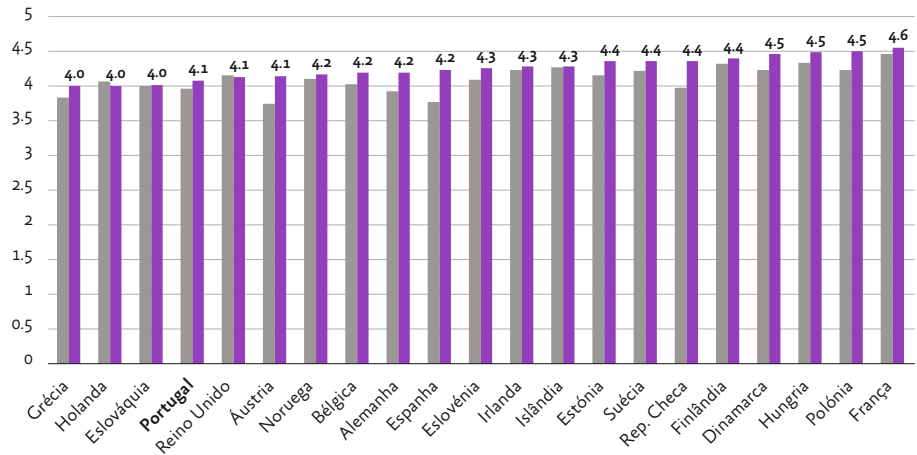
Como se encara, no plano dos valores, na fase tardia da vida ativa, a divisão entre responsabilidades familiares e profissionais? E quais as diferenças entre mulheres e homens? Haverá efeitos geracionais no plano desses valores, isto é serão as mulheres e os homens mais velhos conservadores quanto a uma partilha de género igualitária?

- Mulheres e homens na fase tardia da vida ativa atribuem um elevado nível de concordância à expressão “os homens deviam ter tantas responsabilidades como as mulheres em relação à casa e aos filhos”. Numa escala de zero a cinco atribuem valores médios em torno de quatro. Esta posição igualitária é comum a toda a Europa (incluindo Portugal e outros países do sul da Europa) (Figura 6.1).
- Apesar da convergência entre homens e mulheres, as mulheres tendem a expressar uma posição mais exigente relativamente à igualdade entre homens e mulheres na família e nas responsabilidades cuidadoras.
- Na maioria dos países (exceto Holanda e Reino Unido) as mulheres apresentam valores médios de concordância mais elevados do que os homens.

Figura 6.1 Os homens deviam ter tantas responsabilidades como as mulheres em relação à casa e aos filhos, dos 50 aos 65 anos, por país e sexo (médias)

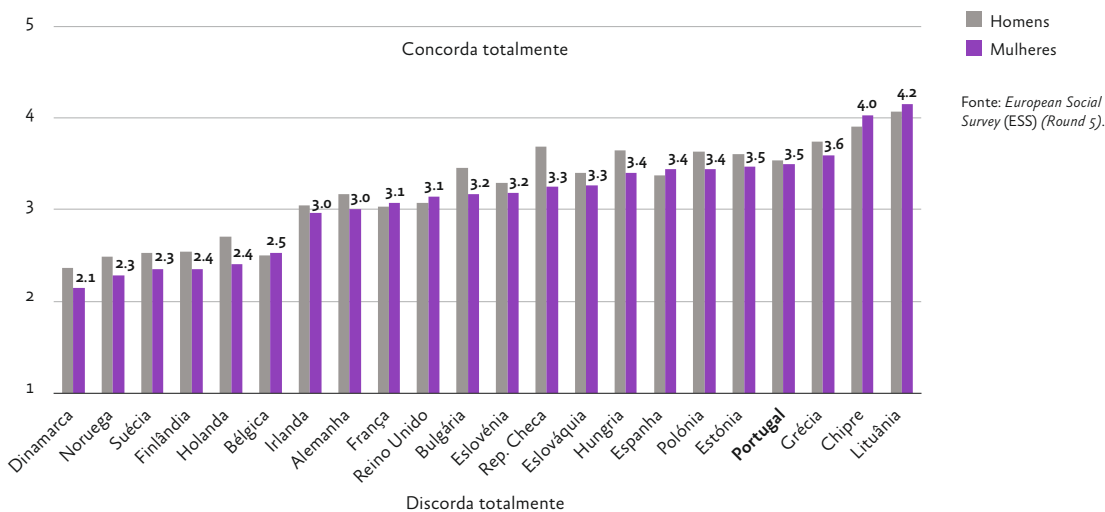
■ 50-64 anos Homens
■ 50-64 anos Mulheres

Fonte: *European Social Survey (ESS) (Round 2)*.



- Entre os países com posições médias de maior concordância (em torno de valores médios de quatro), verifica-se que as mulheres apresentam um posicionamento mais igualitário do que os homens, sendo particularmente evidentes os casos da Grécia, Espanha e Áustria – países onde a diferença de posicionamento entre mulheres e homens é mais notória.
- O posicionamento menos tradicionalista das mulheres também se observa em países cujos níveis de concordância são mais elevados (onde tanto mulheres, como homens claramente ultrapassam o ponto quatro da escala), destacando-se os casos da República Checa, Dinamarca e Polónia.
- Em contraponto com este posicionamento igualitário e seguindo um padrão já identificado na *rush hour of life*, quando se pergunta à população europeia se ‘uma mulher deve estar preparada para reduzir o seu trabalho pago para o bem da sua família’ na maioria dos países as mulheres e os homens não concordam nem discordam, assumindo uma posição ambígua. Só nos países nórdicos, na Holanda e na Bélgica se rejeita esta ideia, aproximando-se da discordância com valores por volta de 2 numa escala de 1 a 5 (em que 1 representa a discordância total). A Lituânia e Chipre assumem uma posição de concordância, apresentando, valores que chegam perto ou ultrapassam ligeiramente 4 (Torres *et al.*, 2012; Torres *et al.*, 2013) (Figura 6.2).

Figura 6.2 Uma mulher devia estar preparada para reduzir o seu trabalho remunerado para o bem da sua família, dos 50 aos 65 anos, por país e sexo (média)



Fonte: European Social Survey (ESS) (Round 5).

- A análise da fase tardia da vida ativa parece também indiciar que se agudiza ligeiramente o fenómeno já identificado na *rush hour of life*, em que numa parte dos países europeus as mulheres continuam a ser vistas como a solução de recurso para a articulação do trabalho e família e como a garantia do bem-estar.
- Ou seja, os valores médios de concordância são ligeiramente mais elevados para a generalidade dos países nesta fase da vida, reforçando uma ideia não igualitária e contraditória: as mulheres podem e têm direito, tal como os homens, a participar na vida económica e no mercado de trabalho, mas também devem ser elas a assegurar o bem-estar da família.
- Por outro lado, nos países nórdicos, onde as políticas de igualdade de género se encontram mais desenvolvidas e têm já uma longa tradição, as mulheres e os homens na fase tardia da vida ativa rejeitam o sacrifício profissional das mulheres em função da família – apresentando valores médios mais próximos de dois (discordância).
- Os homens assumem, de forma praticamente transversal a toda a Europa (exceção para Bélgica, Reino Unido, Espanha, Chipre e Lituânia), uma posição mais conservadora e tradicionalista do que as mulheres: eles tendem, mais do que as mulheres, a apresentar níveis médios de concordância com a retirada das mulheres do mercado de trabalho quando o bem-estar da família está em causa.
- Na resposta à pergunta “quando os empregos são poucos, os homens deviam ter prioridade em ocupá-los em relação às mulheres”, em média na maioria dos países europeus mulheres e homens rejeitam esta ideia,

situando-se as mulheres, na maioria dos países, próximas da discordância total (1) ou da discordância (2), com valores médios que vão desde 1,5 a 2,5. Só alguns países de leste, Grécia e Chipre se aproximam do valor médio da escala (3: não concordo, nem discordo).

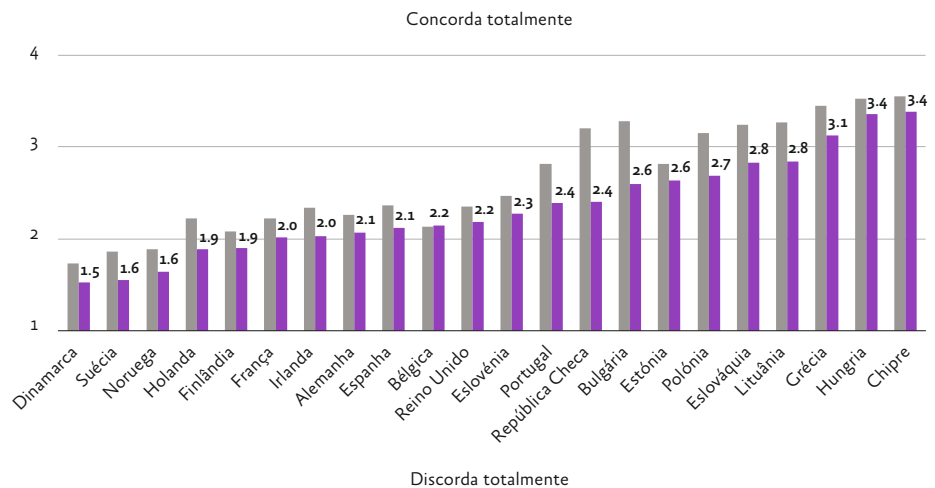
- Os homens em todos os países rejeitam sempre menos esta ideia do que as mulheres, contudo é particularmente relevante o caso da República Checa e da Bulgária onde o seu posicionamento ultrapassa o ponto médio da escala (Figura 6.3).

- Tal como se viu na *rush hour of life*, esta rejeição significa que, mesmo em situação de crise e desemprego, as mulheres devem ter igualdade de acesso ao mercado de trabalho. Novamente aqui, a rejeição desta ideia, ou seja, o alinhamento com posições mais igualitárias, é mais intensa entre os países nórdicos do que no resto da Europa.

Figura 6.3 Quando os empregos são poucos, os homens deviam ter prioridade em ocupá-los em relação às mulheres, dos 50 aos 65 anos, por país e sexo (média)

■ Homens
■ Mulheres

Fonte: *European Social Survey (ESS) (Round 5)*.



- Nota-se, nesta fase da vida, relativamente às anteriores, um ligeiro aumento da concordância com a afirmação – “quando os empregos são poucos, os homens deviam ter prioridade em ocupá-los em relação às mulheres”, ou seja, nesta idade da vida assume-se um posicionamento ligeiramente mais conservador. As mulheres em Portugal posicionam a sua atitude na rejeição dessa afirmação. Em contraponto, os homens aproximam-se de uma posição de ambivalência.

- Se a igualdade entre homens e mulheres relativamente ao trabalho pago parece ser um valor adquirido em Portugal e no resto da Europa, é ainda muito forte a ideia da maior responsabilização por parte das mulheres pelos cuidados à família e nas tarefas domésticas – ideia que

persiste em Portugal e na maioria dos países europeus, com a exceção dos países nórdicos.

• As conclusões que se podem retirar a partir dos resultados do *European Social Survey* (2014) são convergentes, pelo menos parcialmente, com as que se verificam a partir dos dados do ISSP, como se pode ver na caixa seguinte.

Atitudes igualitárias na família e entre os sexos, porém mais tradicionais quanto aos direitos individuais

A partir da síntese de resultados dos dados do ISSP no *research brief* “Vida familiar e papéis de género: Atitudes dos portugueses em 2014” (Ramos, Atalaia e Cunha, 2016) foi possível analisar as atitudes que o grupo etário dos 45 aos 64 anos assume:

- Grande aceitação da informalização da conjugalidade entre os homens (cerca de 90%) e entre as mulheres (80%).
- Apoio à ideia de que as despesas da casa devem ser partilhadas pelos dois membros do casal (cerca de 90% para homens e mulheres). Rejeição também significativa do modelo de família tradicional, em que compete ao homem ganhar dinheiro e à mulher cuidar da casa e da família (concordância em menos de 30% em ambos os sexos).
- Apoio de ambos à divisão igualitária das tarefas domésticas pelo casal, embora com as mulheres a exprimir um pouco mais de apoio (acima de 80%) do que os homens (cerca de 70%).
- Ampla concordância relativamente à introdução de medidas pró-igualitárias no trabalho, tais como garantia de igualdade salarial entre homens e mulheres (cerca de 90%), extensão da licença parental obrigatória para o pai (60%) e a partilha da licença entre o pai e a mãe, esta levemente mais expressiva entre os homens (60%) do que entre as mulheres (cerca de 50%).
- Maior aceitação das famílias monoparentais e de casais do mesmo sexo entre as mulheres (cerca de 50%), embora com pouca diferença relativamente aos homens (em torno de 40%). Opiniões mais desfavoráveis relativamente à parentalidade dos casais homoafetivos masculinos, principalmente entre os homens: somente cerca de 30% dos homens, e quase 50% das mulheres, concorda que um casal de dois homens pode criar um filho tão bem como um casal heterossexual.
- Opiniões do grupo etário dos 45 aos 64 anos com pendor mais conservador do que as das gerações mais jovens no que concerne aos direitos individuais, como a despenalização da interrupção voluntária da gravidez e o casamento e a adoção por casais de pessoas do mesmo sexo (concordância em menos de 40% em ambos os sexos).

Em síntese, a regularidade eminente no plano dos valores sugere que homens e mulheres nesta idade da vida têm atitudes relativamente próximas. A semelhança manifesta-se também na atribuição de mais responsabilidades às mulheres do que aos homens no cuidar da casa e da família e pela articulação entre o trabalho e a família, tal como se verifica na *rush hour of life*, penalizando as mulheres nestas duas idades da vida.

Capítulo 7

Perfis e classes sociais de homens e mulheres na Europa

As condições objetivas de vida de homens e de mulheres refletem as desigualdades de género de uma forma mais expressiva do que se manifesta no plano dos valores. Na fase tardia da vida ativa, *será possível identificar perfis de países, e de mulheres e homens, considerando um conjunto de indicadores que refletem, de forma genérica, as suas condições de vida? E como se situa Portugal no espaço europeu? Como se distribuem homens e mulheres por classes sociais nos diferentes países?*

Para identificar perfis de homens e mulheres e compreender como portugueses e portuguesas se posicionam no contexto europeu, elaborou-se uma análise de *clusters*, selecionando as seguintes variáveis: taxa de emprego, taxa de desemprego, salário médio/hora (em paridade de poder de compra) e a média de horas de trabalho semanal.

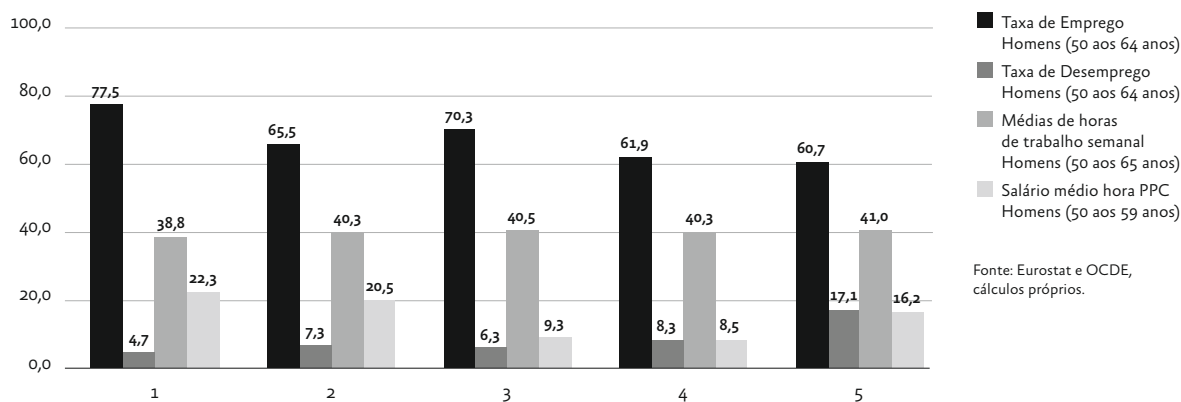
- Numa primeira abordagem foi possível concluir que as portuguesas e os portugueses estão ainda muito afastadas/os da realidade vivida pelas mulheres e homens da mesma idade nos países do centro e norte da Europa – países onde elas e eles apresentam menores taxas de desemprego e salários médios/hora mais elevados.
- Mas quando se compararam portugueses e portuguesas com mulheres e homens de outros países do sul, ou de leste, foi necessário estabelecer uma distinção por sexo, já que a análise de *clusters* revelou associações de países diferentes para eles e para elas.

Homens portugueses: menos empregados e mais mal remunerados

- Em Portugal, os homens tendem a equiparar-se aos homens da Bulgária, Letónia, Hungria, Polónia, Roménia, Eslovénia e Eslováquia. Isto é, fazem parte do grupo com uma das menores taxas de emprego, das maiores taxas de desemprego, com os salários mais baixos e com maiores médias de horas de trabalho (*Cluster 4*) (Figura 7.1).
- Os homens portugueses afastam-se do grupo constituído pelos homens dos países escandinavos (Noruega, Finlândia e Dinamarca), do Reino Unido e de alguns países continentais (Alemanha e Holanda) (*Cluster 1*).

- Este grupo caracteriza-se pela maior taxa de emprego no contexto europeu, salário médio/hora mais elevado, a menor taxa de desemprego e a menor média de horas semanais de trabalho.
- Os homens portugueses também se separam do grupo formado pela Suécia, Irlanda, Itália e restantes países continentais (Bélgica, França e Áustria) (*Cluster 2*).
 - Os homens europeus destes países definem-se por uma das maiores taxas de emprego, o segundo salário médio/hora mais elevado, das menores taxas de desemprego e das menores médias de horas semanais de trabalho.
- Os homens portugueses também se diferenciam dos homens de Malta e restantes países de leste (República Checa, Estónia e Lituânia) (*Cluster 3*).
 - Os homens que constituem este grupo definem-se pela segunda maior taxa de emprego, a segunda menor taxa de desemprego, das maiores médias de horas de trabalho semanal e dos menores salários.
- Os homens portugueses distanciam-se dos homens gregos, espanhóis e cipriotas (*Cluster 5*).
 - Os homens da Grécia, Espanha e Chipre caracterizam-se pela maior taxa de desemprego da Europa, menor taxa de emprego, com mais horas de trabalho e maiores salários do que os homens em Portugal.

Figura 7.1 Perfis de países (2014 e 2015) (Homens) (%)



Mulheres portuguesas: mais horas de trabalho, mas piores remunerações

- As mulheres portuguesas estão mais próximas das mulheres de alguns países do leste da Europa (Bulgária, República Checa, Letónia, Lituânia, Hungria e Eslováquia) (*Cluster 5*), e afastam-se das mulheres dos outros países do sul, como Itália (*Cluster 4*), Grécia e Espanha (*Cluster 2*). Isto é, as portuguesas (e as mulheres de alguns países de leste) registam das

maiores taxas de emprego, a segunda maior taxa de desemprego, a maior média de horas de trabalho e o menor salário médio/hora (Figura 7.2).

- As mulheres portuguesas afastam-se do grupo formado pelas mulheres da Grécia e de Espanha (*Cluster 2*).

- Este grupo define-se pela presença de mulheres com a segunda menor taxa de emprego, a maior taxa de desemprego, salários médios/hora mais baixos e das maiores médias de horas de trabalho.

- Ao mesmo tempo, as mulheres portuguesas estão distantes das mulheres de Malta e restantes países de leste (Polónia, Roménia e Eslovénia) (*Cluster 1*).

- Estas mulheres registam das menores taxas de emprego, maiores médias de horas de trabalho semanal, menores salários e menores taxas de desemprego.

- As mulheres portuguesas dos 50 aos 65 anos de idade diferenciam-se também do grupo constituído pelas mulheres dos países escandinavos (Noruega, Suécia, Finlândia, Dinamarca), da Alemanha, Reino Unido e Estónia (*Cluster 3*).

- Neste grupo, estão presentes mulheres que se caracterizam pela maior taxa de emprego, menor taxa de desemprego, pelo segundo salário médio/hora mais elevado e das menores médias de horas semanais de trabalho.

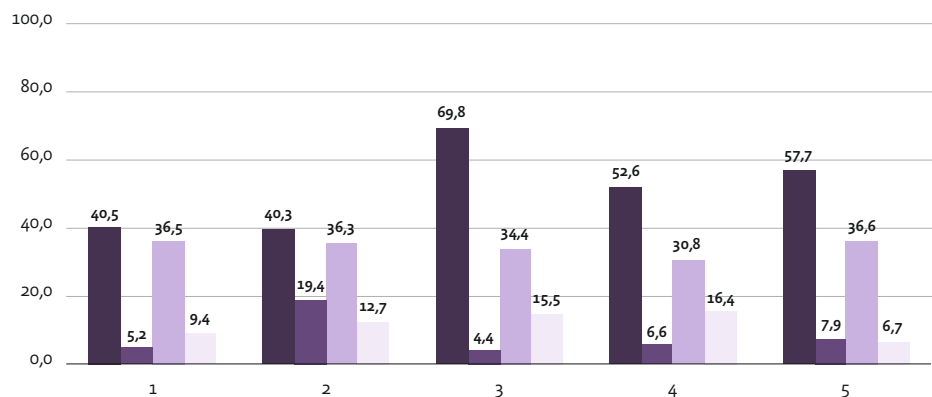
- Por fim, as mulheres portuguesas separam-se também das mulheres de Itália, Chipre, Irlanda e países continentais (Bélgica, França, Holanda e Áustria) (*Cluster 4*).

- Estas mulheres caracterizam-se por uma das menores taxas de emprego e médias de horas semanais de trabalho, o maior salário médio/hora e as maiores taxas de desemprego.

Figura 7.2 Perfis de países (2014 e 2015) (Mulheres) (%)

■ Taxa de Emprego
Mulheres (50 aos 64 anos)
 ■ Taxa de Desemprego
Mulheres (50 aos 64 anos)
 ■ Médias de horas
de trabalho semanal
Mulheres (50 aos 65 anos)
 ■ Salário médio hora PPC
Mulheres (50 aos 59 anos)

Fonte: Eurostat e OCDE, cálculos próprios.



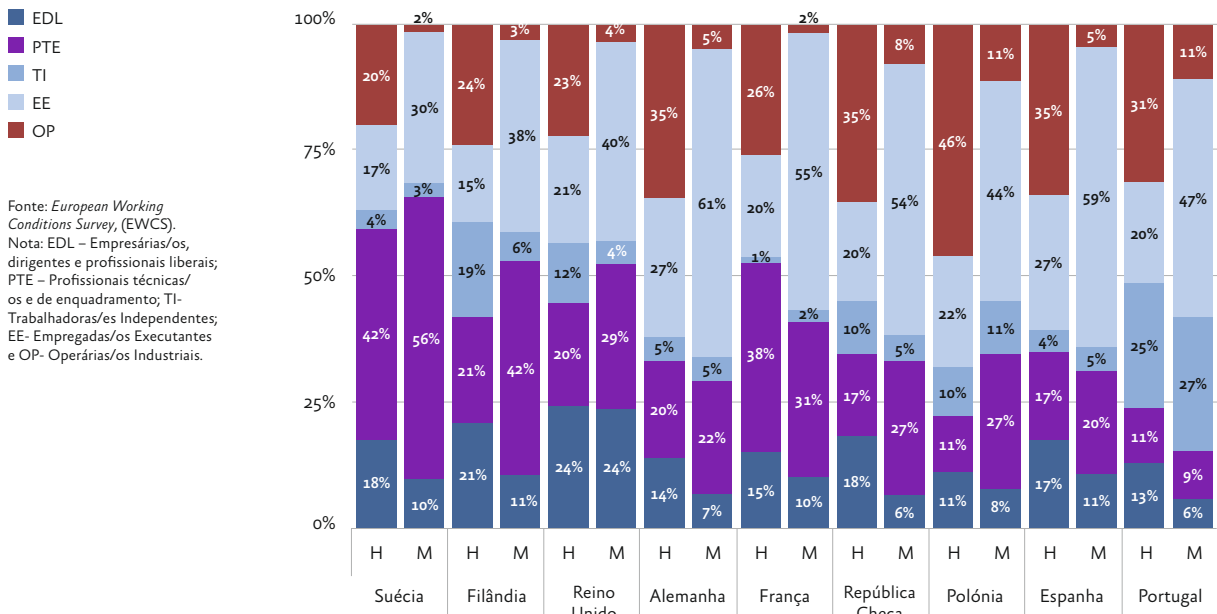
Que relações se estabelecem entre género e classes sociais em Portugal e nos países europeus?

A partir dos dados do *European Working Conditions Survey* (EWCS), inquérito europeu que recolhe informação sobre a população ativa nos diversos países, foi possível identificar algumas tendências centrais na distribuição por classe social de homens e de mulheres entre os 50 e os 65 anos (Figura 7.3).

- Em primeiro lugar, olhando para as categorias com mais capitais económicos e escolares conclui-se que, em quase todos os países, as mulheres estão mais representadas do que os homens no grupo de profissionais técnicos e de enquadramento (PTE), com exceção de França onde se encontram 37,7% de homens e 31% de mulheres nesta categoria, e de Portugal onde, na PTE, os homens representam 11,3% e as mulheres 9,3%.
- Recorde-se que na *rush hour of life* a diferença entre homens e mulheres portuguesas nesta categoria era de apenas 0,5 pontos percentuais situando-se, nessa fase, os valores para ambos os grupos em torno dos 20%. A acentuada descida de homens e mulheres na categoria de PTEs na fase tardia da vida ativa, relativamente à fase anterior, pode assim ser indiciadora de um efeito geracional traduzindo a menor escolarização das gerações mais velhas em Portugal.
- Na categoria empresários/as, dirigentes e profissionais liberais (EDL), a proporção de homens ultrapassa a de mulheres em todos os países analisados. Esta diferença indicia a conhecida segregação vertical, a desigualdade de acesso das mulheres aos lugares de poder e de direção, que nem mesmo os anos de experiência profissional que entretanto elas acumularam parecem conseguir superar. A Polónia surge como o país que apresenta menos homens neste grupo (11%), seguido de perto por Portugal (12,6%). No entanto, Portugal apresenta também o menor número de mulheres na categoria EDL, com apenas 5,8%.
- Ao comparar mulheres e homens nas categorias com menos recursos, conclui-se que elas estão, em todos os países analisados, mais representadas nos/as empregados/as executantes (EE) e eles nos/as operários/as (OP), com exceção de Espanha onde os homens estão ligeiramente mais representados na categoria EE (27,5%) do que na OP (24,2%). Esta tendência já se verificava na *rush hour of life*.
- A categoria de empregados/as executantes corresponde ao sector dos serviços que emprega principalmente mulheres, seja nas posições mais operacionais, como os serviços de limpeza, seja nas posições que exigem qualificações técnicas básicas, como os serviços de escritório. Portugal apresenta 47,1% de mulheres e 20,1% de homens nesta categoria.

- Olhando agora para os/as operários/as (OP), categoria esta que abrange as posições que recorrem a trabalhos manuais, como a produção fabril ou a construção civil, Portugal apresenta 31,4% de homens e 11,1% de mulheres. Já a Polónia apresenta o número mais expressivo de homens (46,2%) e mulheres (11,3%) na OP.
- Portugal destaca-se por possuir o maior número de homens e mulheres na categoria Trabalhador/a Independente (TI), respetivamente 24,5% e 26,7%. De notar que este número, tanto para homens como para mulheres, mais do que duplica o observado na *rush hour of life* (que é 10,3% para eles e 10% para elas). A categoria TI inclui “grupos de trabalhadores/as muito diversificados/as: nela tanto se situam aqueles/as que deliberadamente optam por trabalhar num regime autónomo (trabalhadores/as independentes) no sentido literal do termo, como aqueles/as que são forçados/as a aceitar essa situação num contexto de precariedade e fraca capacidade negocial – os/as chamados/as “falsos independentes” (Casaca, 2010:272). Nesta fase tardia da vida ativa, é possível que se esteja perante trabalho independente qualificado, alicerçado numa longa carreira profissional, mas que não deixa por isso de ser precário.

Figura 7.3 Classes sociais na fase tardia, dos 50 aos 65 anos, por país e por sexo, 2015 (%)



- Comparando agora mulheres e homens nos diferentes países considerando os que têm mais recursos (EDLs e PTEs), por um lado, e os que têm menos recursos (EE e OP), por outro, verificam-se claras desigualdades.

No grupo dos 50 aos 65 anos, a percentagem dos que detêm mais capital económico e escolar é muito inferior à dos mais desprovidos desses recursos. Portugal destaca-se negativamente pelo menor número de mulheres nas categorias com mais recursos, apenas 15,1%, enquanto os homens registam 23,9%. Apenas a Polónia apresenta ainda menos homens (22%) nas categorias de topo. Nesse sentido, Portugal apresenta valores expressivos na categoria TI. Embora os números também sejam muito significativos, com os homens a representar 51,5% e as mulheres 58,2% nas categorias EE e OP, em conjunto.

Em suma, a situação dos homens em Portugal aproxima-se da dos homens da Bulgária, Letónia, Hungria, Polónia, Roménia, Eslovénia e Eslováquia, num conjunto onde se congregam as menores taxas de emprego, as maiores taxas de desemprego, os salários mais baixos e as médias mais elevadas de horas de trabalho. Já a situação das mulheres portuguesas, por sua vez, afasta-se da situação das mulheres dos outros países do sul, como Itália, Grécia e Espanha e aproxima-se da das mulheres de alguns países do leste da Europa (Bulgária, República Checa, Letónia, Lituânia, Hungria e Eslováquia) num conjunto onde se congregam taxas de emprego das mais elevadas, a segunda maior taxa de desemprego, a maior média de horas de trabalho e o menor salário médio/hora.

Ainda se concluiu neste capítulo que a proporção de homens ultrapassa a de mulheres em todos os países analisados na categoria empresários/as, dirigentes e profissionais liberais, revelando segregação vertical e manifestando a desigualdade de acesso das mulheres aos lugares de poder e de direção. As mulheres, em todos os países analisados, estão mais representadas na categoria dos/as empregados/as executantes. Esta desigualdade de género mantém-se na fase tardia da vida ativa, pois já se verificava na *rush hour of life*.

Ideias síntese

Na fase da vida entre os 50 e os 64 anos, em que medida se acentuam ou atenuam as desvantagens das mulheres que já se verificam nos 30 aos 49 anos?

1. Na fase tardia da vida ativa regista-se uma descida acentuada, tanto em Portugal como na Europa, da participação no mercado de trabalho quer de homens, quer de mulheres, mais expressiva no caso delas. Em contrapartida, aumenta o número de pessoas que já estão reformadas (homens e mulheres). No caso feminino, quase um quinto está nesta fase da vida principalmente dedicada às responsabilidades familiares.
2. No que diz respeito às configurações familiares, nesta fase da vida predominam os agregados sem filhos ou filhas dependentes, o que não significa que o apoio direto ou indireto a descendentes ou mesmo a ascendentes não se mantenha. Com efeito, verifica-se um aumento do tipo de família correspondente a “outros agregados”, muito provavelmente integrados por três ou mais gerações e, como se registou acima, as mulheres nesta fase da vida podem sair do mercado de trabalho para apoiar a família.
3. A menor taxa de emprego, quer para eles, quer para elas, pode estar relacionada com o aumento que se verificou do risco de pobreza nesta fase tardia da vida ativa, mais penalizador para elas.
4. Note-se que a pressão para sair do mercado de trabalho, por exigências familiares, não será sentida por todas as mulheres da mesma forma, já que a taxa de emprego nesta fase é mais elevada para as mulheres com ensino de nível superior. São situações que podem corresponder a salários mais elevados e à externalização da prestação de cuidados.
5. A disparidade salarial entre homens e mulheres nesta fase da vida acentua-se ainda mais e agrava-se no grupo com mais de 60 anos. Verifica-se assim, por diferentes vias – salários mais baixos, carreiras contributivas interrompidas mais precocemente, e entre outras razões, também por responsabilidades familiares – que a desigualdade de género se aprofunda ao longo das idades da vida.
6. Os homens estão mais expostos à violência no espaço público, o que se manifesta numa mais elevada taxa de homicídio e no esmagador número de reclusos do sexo masculino, e as mulheres estão mais expostas

à violência no espaço doméstico. Por outro lado, homens e mulheres têm a percepção de que a violência de género é muito comum sobre as mulheres, mas pouco comum sobre os homens.

7. Os padrões de saúde e de causas de morte são diferenciados pelo efeito de género. As mulheres, provavelmente pela familiaridade com a esfera do cuidar, recorrem mais aos médicos, mas têm mais doenças crónicas e/ou psiquiátricas; os homens, obedecendo a um certo modelo de masculinidade que os impede de revelar fragilidades, procuram menos os cuidados médicos, e continuam a morrer mais por causas externas (acidentes ou suicídio), embora nesta fase da vida de forma menos expressiva do que em idades anteriores.

8. No plano dos valores mantém-se a tendência para homens e mulheres reconhecerem o direito das mulheres a acederem em pé de igualdade ao mercado de trabalho. No entanto, defende-se ainda em muitos países uma posição ambígua na medida em que se considera serem elas também quem deve assegurar em primeiro lugar as responsabilidades familiares. Só os países nórdicos apresentam uma posição verdadeiramente igualitária.

9. Considerando ainda as atitudes e valores, nota-se que em relação à fase da vida anterior (*rush hour of life*) há uma ligeira tendência na fase tardia da vida ativa, em muitos países, para uma defesa menos acentuada das ideias igualitárias, o que pode talvez ser explicado por um efeito geracional.

10. Na fase tardia da vida ativa, os homens portugueses tendem a equiparar-se aos homens da Europa do leste com baixas taxas de emprego, elevadas taxas de desemprego, os mais baixos salários e mais horas de trabalho. As mulheres portuguesas também estão mais perto das mulheres do leste da Europa e mais distantes das do sul, com maiores taxas de emprego, a segunda maior taxa de desemprego, a maior média de horas de trabalho e o menor salário médio/hora.

11. Na distribuição por classes sociais mantém-se a segregação vertical, com os homens a ocuparem as classes de empresários dirigentes e profissionais liberais e as mulheres mais representadas na categoria das profissões técnicas e de enquadramento. No entanto, em Portugal, este grupo é muito reduzido, particularmente no caso das mulheres, apresentando um decréscimo relativamente às idades da vida anteriores.

Glossário

Classes sociais

Categoria social cujos membros, em virtude de serem portadores de tipos e volumes de recursos semelhantes, seja de propriedade económica, de qualificações escolares e profissionais, de poder ou de prestígio social, tendem a ter condições de existência também semelhantes e a desenvolver afinidades nas suas representações sociais e práticas, ou seja, naquilo que pensam e no que fazem. A pertença a uma determinada classe social tende a condicionar as possibilidades de mobilidade social de cada indivíduo ou família (Almeida, 1995).

Utilizamos este conceito com base na tipologia de classes de Almeida, Costa e Machado. Esta tipologia operacionaliza um indicador socioprofissional de lugares de classe, construído com base na profissão de cada indivíduo e na respetiva situação na profissão. A profissão do indivíduo é definida segundo a *International Standard Classification of Occupations* (ISCO). A tipologia identifica cinco categorias socioprofissionais, nomeadamente as/os dirigentes, empresárias/aos e profissionais liberais (EDL), as/os profissionais técnicas/os e de enquadramento (PTE), as/os trabalhadoras/es independentes (TI), as/os operárias/os (O) e as/os empregadas/os executantes (EE) (Costa, Machado e Almeida, 2007).

(Des)igualdades de género

Podemos conceptualizar de forma genérica as desigualdades como “diferenças de acesso e de distribuição de recursos valorizados como os económicos, por exemplo, mas também de outro tipo de bens e recursos como educação, cultura, poder, reconhecimento e prestígio” (Almeida, 2013: 25). Neste sentido, a igualdade de género teria tradução numa simetria entre homens, mulheres e pessoas de diversidades várias em razão da sua identidade de género ou orientação sexual, no acesso a recursos, poderes e direitos.

Quando falamos de desigualdade de género referimo-nos, pois, às desvantagens materiais e simbólicas que as mulheres experienciam relativamente aos homens (Connell, 1987). Estas são mais frequentes e mais expressivas embora desigualdades de género possam também, por vezes, criar desvantagens para

os homens (por exemplo, remetendo-os para profissões tendencialmente mais perigosas, incitando-os a adotar comportamentos desviantes e violentos e/ou afastando-os da esfera afetiva do cuidar) e para outras identidades de género que diferem da visão binária tradicional do masculino e do feminino.

Em resultado da pressão dos movimentos feministas e de outros grupos ligados a diversas identidades de género, a igualdade de género tem sido promovida no plano legislativo com mudanças expressivas ao nível nacional e transnacional. No entanto, inércias e resistências ainda se fazem sentir ao nível dos aplicadores e aplicadoras da lei, das normas sociais e das culturas organizacionais, das instituições nos seus modos de funcionar tradicionais, que tendem ou podem tender a adotar a retórica da igualdade sem que ela se traduza em qualquer mudança.

Idades da vida

Na delimitação empírica desta pesquisa utilizámos o conceito de *idades da vida* como conceito operativo, para equacionar a questão da igualdade de género e das discriminações de forma situada no tempo, identificando grandes grupos e momentos. A investigação tem demonstrado que género e idade moldam as interações, as perceções e as expectativas sociais; os papéis e as identidades, as relações de poder e as condições materiais de existência as oportunidades de escolarização e profissionais ou as condições de trabalho ou da vida depois do trabalho (Arber, Davidson e Ginn, 2003; Torres *et al.*, 2007; Venn, Davidson e Arber, 2011) de homens e mulheres.

O género é vivido de forma diferente em diferentes momentos da vida porque em cada idade os recursos, o poder, as relações sociais e as realidades vividas por rapazes e raparigas, homens e mulheres são também distintos. Através deste conceito procuramos perceber como se vive o género em função da idade da vida, tendo ainda em conta contextos sociais mais vastos e contextos de interação. Neste projeto considerámos as seguintes idades da vida:

1. Infância e juventude (até aos 29 anos);
2. “*Rush hour of life*” (filhos e filhas pequenos/as e acentuado investimento profissional) (dos 30 aos 49 anos);
3. Fase tardia da vida ativa (dos 50 aos 65 anos).
4. Idade da reforma/velhice (por opção metodológica, delimitamos o nosso estudo até a idade ativa, não abordando a fase da vida após 65 anos).

Identidades de género

A identidade de género refere-se ao modo como, independentemente do seu sexo biológico ou da orientação sexual (homossexual, heterossexual ou

bissexual), cada pessoa se percebe a si mesma e se apresenta aos outros, como masculino, feminino, uma combinação de ambos ou outra identidade não convencional (Butler 1990). É a forma como nos reconhecemos a nós mesmos/as e desejamos que as outras pessoas nos reconheçam, incluindo a maneira como agimos, a maneira como nos vestimos, andamos e falamos.

Masculinidades e feminilidades

As masculinidades e feminilidades são o conjunto de qualidades e atributos considerados como característicos, respetivamente, de homens e de mulheres numa dada sociedade, tendo em conta as normas e valores vigentes. Estes significados, associados ao ser-se homem e ao ser-se mulher, variam em função do tempo, da cultura e da posição ocupada na estrutura social construindo múltiplas masculinidades e múltiplas feminilidades, que são no entanto hierarquizadas numa ordem de género. Assim, por exemplo, um operário pode afirmar a sua masculinidade através da força física e da bravura, enquanto um homem de classe média estabelecerá provavelmente a sua masculinidade através do poder económico. Para um homem jovem a força física pode ser um importante traço de masculinidade, enquanto para um homem na idade adulta o sucesso económico e profissional serão indicadores mais relevantes de masculinidade (Almeida, 1995).

Para analisar estas relações de poder, Connell introduz o conceito de masculinidade hegemónica que identifica, não a norma estatística, mas o modelo socialmente mais valorizado de masculinidade. Impõe-se assim a todos os homens que se posicionem em relação a este padrão que fornece também uma base de legitimidade ideológica para a subordinação global do feminino. Por seu turno, o conceito de ‘feminilidade enfatizada’ exprime a subordinação feminina, ao sistema que privilegia o poder masculino (Connell, 1987). Para as mulheres haverá também diversas formas de afirmação da feminilidade que podem diferir nas várias idades da vida e conforme a classe social, passando por uma maior ou menor centralidade da dimensão materna, pela afirmação da aparência física, ou pela afirmação profissional.

Mais recentemente a ideia de que homens e mulheres têm um papel ativo (agência) na construção das suas identidades e de que podem resistir a estes modelos dominantes tem também feito o seu caminho, (Kimmel, Hearn e Connell, 2004).

Sexo e Género

Numa primeira fase, desde os finais do século XIX até à primeira metade do século XX, a medicina, a biologia e a psicologia, não distinguiam praticamente sexo de género entendendo-os como equivalentes e como caracterizadores dos atributos do sexo feminino e do masculino. Considerava-se que eram as diferenças biológicas que determinavam comportamentos, características, traços de personalidade, maneiras de pensar diferentes de homens e de mulheres.

Nos finais dos anos de 1960 e inícios de 1970 podemos localizar uma segunda fase que inaugura uma visão que distingue sexo, associado nesta perspetiva à diferença biológica entre os sexos, e género centrado na dimensão cultural, ou seja, nos significados que se atribuem em diferentes sociedades e contextos sociais ao que é ser mulher ou homem. Simone de Beauvoir (1947/1953) é das primeiras a mostrar como as mulheres são ensinadas “a ser” em cada momento da sua vida: na infância, na adolescência, e quando são mães; ou ainda como são “construídas” e concebidas como o “outro” cuja referência e modelo é o homem. Contributo decisivo nesta fase é também o de Ann Oakley quando defende que o sexo é um dado biológico, uma constante, mas o género é uma construção social (Oakley, 1972: 53).

Numa terceira fase, nos finais dos anos de 1980 mas, sobretudo, de 1990 a distinção entre sexo e género conhece outros desenvolvimentos. Não só se reconhece que o sexo biológico é afinal menos estável e constante do que se supunha, podendo manifestar-se numa variação e combinações possíveis (ver por exemplo os trabalhos de Fausto-Sterling, 2000) como a sexualidade, tema também importante nas propostas anteriores, assume papel ainda mais central nas questões de sexo e género. Passa-se assim a considerar que o género não é uma propriedade dos indivíduos mas algo que nos “é feito” e atribuído desde a nascença, e que nós vamos construindo e negociando ao longo da vida e nas diferentes interações sociais. Neste sentido o género pode “subverter” o próprio ao sexo biológico, o que se torna muito visível no caso dos transexuais. Esta visão *performativa* do género sublinha a possibilidade de agência, isto é a capacidade de agir sobre uma realidade que pode ser sentida como constrangedora, e combate lógicas deterministas – o que se faz também se pode desfazer. É uma perspetiva que abre portas também para a *diversidade* das identidades de género, para a possibilidade do carácter fluido do género e da própria vivência da sexualidade, questionando o imperativo da heteronormatividade (Richardson & Robison, 2008: 9-17).

Quadros síntese

Quadro 1 Fase tardia da vida ativa, trabalho e condições de vida, por país e UE 27

1. Fonte: Eurostat (2015) – percentagem de pessoas empregadas (dos 50 aos 64 anos) sobre o total da população do mesmo grupo etário.
 2. Fonte: Eurostat (2015) – percentagem de pessoas desempregadas (dos 50 aos 64 anos) sobre o total da população ativa do mesmo grupo etário.
 3. Fonte: OCDE (2015) – horas médias globais de trabalho de pessoas empregadas (dos 50 aos 64 anos) na sua atividade principal.
 4. Fonte: Eurostat (2014) – salário médio/hora da população empregada (dos 50 aos 59 anos) em empresas com 10 e mais pessoas ao serviço (Paridade do poder de compra).
 5. Fonte: Eurostat (2015) – percentagem de trabalhadores/as (dos 55 aos 64) a tempo parcial no total de trabalhadores/as do mesmo grupo etário.
 6. Fonte: Eurostat (2015) – percentagem de pessoas empregadas (dos 55 aos 64 anos) em risco de pobreza.

	Taxa de emprego ¹		Taxa de desemprego ²		Horas de trabalho ³		Salário médio/hora ⁴		Trabalhadores/as em <i>part-time</i> ⁵		Trabalhadores/as em risco de pobreza ⁶	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
UE 27	68,3	55,8	7,4	6,6	40,8	35,0	19,2	14,7	10,7	36,1	23,7	26,1
Países nórdicos												
Noruega	79,1	72,8	2,2	1,8	39,0	33,1	26,0	20,9	13,4	42,3	9,0	11,1
Suécia	65,5	69,0	8,5	6,9	40,0	36,4	19,3	16,1	13,9	36,2	17,6	14,8
Finlândia	80,7	76,0	5,7	4,5	40,0	37,6	19,4	15,1	12,6	17,7	11,3	10,3
Dinamarca	75,8	66,5	4,3	5,3	39,0	35,4	24,6	20,0	10,2	31,3	13,4	14,3
Islândia	89,8	83,0	2,9	3,1	*	*	17,7	13,3	4,7	34,3	10,9	11,7
Países liberais												
Reino Unido	75,1	64,3	3,8	3,0	40,0	32,4	20,0	14,1	16,0	48,7	20,5	23,7
Irlanda	70,3	53,1	8,9	5,8	42,0	29,7	24,2	18,8	13,4	43,0	26,4	29,7
Países continentais												
Bélgica	60,6	50,5	6,5	5,0	41,0	31,2	21,9	19,6	18,4	52,2	21,7	26,3
França	62,3	57,0	7,7	6,6	39,0	33,6	19,7	15,9	10,8	34,1	18,3	21,9
Alemanha	77,7	68,3	4,7	3,9	40,0	29,8	22,6	16,2	10,7	52,0	22,6	25,0
Holanda	76,3	59,7	7,2	7,2	38,0	26,9	21,6	16,4	25,4	81,3	18,1	21,1
Áustria	66,4	54,1	5,3	3,3	43,0	30,2	20,0	14,4	12,8	50,5	15,7	20,1
Países mediterrâneos												
Grécia	55,2	33,4	17,8	19,4	41,0	39,8	*	*	5,0	13,1	38,1	42,6
Espanha	61,4	47,2	18,3	19,3	40,0	33,7	15,8	12,7	5,1	21,9	29,7	29,9
Itália	67,9	45,3	6,9	5,6	40,0	32,0	18,2	17,0	6,8	23,8	25,6	29,7
Portugal	64,4	53,2	12,5	10,5	41,0	35,1	12,2	9,9	12,9	20,6	29,3	32,8
Malta	68,8	29,3	4,6	3,8	42,0	35,1	12,9	11,5	7,0	34,5	19,9	25,6
Chipre	65,6	48,8	15,3	12,9	42,0	36,3	17,4	12,7	13,7	21,4	27,9	32,9
Países de leste												
Bulgária	63,2	58,1	9,1	7,7	39,0	39,3	5,0	4,4	2,2	3,6	37,1	38,1
República Checa	73,9	59,1	3,8	4,9	42,0	37,9	9,3	7,2	4,4	12,0	12,8	16,2
Estónia	69,9	72,0	6,5	5,7	41,0	38,4	8,5	6,2	6,5	12,2	27,3	21,9
Letónia	64,9	64,8	11,9	7,9	40,0	36,9	6,4	5,4	6,7	11,4	30,5	31,6
Lituânia	68,7	66,5	10,1	7,7	39,0	35,3	6,5	5,7	8,2	13,5	28,6	29,3
Hungria	62,5	49,9	6,0	5,5	41,0	39,2	8,4	7,4	6,7	14,7	30,6	31,5
Polónia	61,1	45,9	6,0	5,5	43,0	34,9	10,3	9,9	7,1	14,7	27,3	26,2
Roménia	60,2	40,6	5,0	3,3	43,0	38,9	5,5	5,3	12,3	19,2	33,7	35,6
Eslovénia	56,1	46,3	7,3	8,1	43,0	39,6	11,8	11,0	11,0	16,8	22,3	26,5
Eslováquia	62,7	52,2	8,7	11,1	41,0	39,5	8,5	6,8	5,0	10,0	18,2	17,1

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, J. F. (1995). *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ALMEIDA, J. F. (2013). *Desigualdades e Perspetivas dos Cidadãos: Portugal e a Europa*. Lisboa: Editora Mundos Sociais.
- ALMEIDA, M. V. (1995). *Senhores de si*. Lisboa: Fim de Século.
- ARBER, S., Davidson, K., & Ginn J. (2003). Changing approaches to gender and later life. In S. Arber, K. Davidson & J. Ginn (Eds.), *Gender and ageing: Changing roles and relationships* (pp. 1-14). Philadelphia, PA: Open University Press.
- BEAUVOIR, S. (1949/1953). *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard.
- BILSKER, D., & White, J. (2011). The silent epidemic of male suicide. *British Columbia Medical Journal*, vol. 53(10), 529-534. Disponível em <http://www.bcmj.org/articles/silent-epidemic-male-suicide>.
- BINSWANGER, I. A., Merrill, J. O., Krueger, P. M., White, M. C., Booth, R.E., & Elmore, J. G. (2011). Gender Differences in Chronic Medical, Psychiatric, and Substance-Dependence Disorders Among Jail Inmates. *American Journal of Public Health*, vol. 100(3), 476-482.
- BOULD, S., & Casaca, S. F. (2012). Older women worker and the European Union's employment goals: Bringing gender into the debate. *ex aequo*, (26), 27-42.
- BOURDIEU, P. (1979). *La distinction*. Paris: Les Éditions de minuit.
- BUTLER, J. (1990). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.
- CASACA, S. F. (2010). A (des)igualdade de género e a precarização do emprego.. In V. Ferreira (Ed.), *a Igualdade de Mulheres e Homens no Trabalho e no Emprego em Portugal: Políticas e circunstâncias*. (pp. 261-291). Lisboa: Cite.
- CONNELL, R. (1987). *Gender and power: Society, the person and sexual politics*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- COSTA, A. F., Machado, F. L., & Almeida, J. F. (2007). Classes sociais e recursos educativos: uma análise transnacional. In A. F. Costa, F. L. Machado & P. Ávila (Eds.), *Portugal no contexto europeu: Sociedade e conhecimento* (pp. 1-20). Oeiras: Celta Editora.
- EUROPEAN Commision (2016). *Special Eurobarometer 449. Gender-based violence Report*. Disponível em <http://ec.europa.eu/COMMFrontOffice/PublicOpinion>.
- FAUSTO-STERLING, A. (2000). *Sexing the body: Gender politics and the construction of sexuality*. New York: Basic Books.
- FERREIRA da Silva, L., & Alves, F. (2002). *A Saúde das Mulheres em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- KIMMEL, M., Hearn, J., & Connell, R. (2004). *Handbook of studies on men and masculinities*. London Thousand Oaks, California: Sage.
- KORNSTEIN, S. G., Schatzberg, A. F., Thase, M. E., et al. (2000). Gender differences in chronic major and double depression. *Journal of Affective Disorders*, vol. 60(1), 1-11.

- MOURA, E. C., Gomes R., Falcão, M. T. C., Schwarz, E., Neves, A. C. M., & Santos, W. (2015). Gender inequalities in external cause mortality in Brazil, 2010. *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 20(3), 779-788.
- OAKLEY, A. (1972). *Sex, gender and society*. San Francisco: Harper and Row.
- PEDROSO, T. (2013). Gender disparities in mortality: Challenges for health equity in Puerto Rico. *Acta Colombiana de Psicología*, vol. 16(2), 103-114.
- PERISTA, H., Cardoso, A., Brázia, A., Abrantes M., & Perista, P. (2016). *Os usos do tempo de homens e mulheres em Portugal*. Lisboa: CESIS, CITE.
- PICCINELLI, M., & Wilkinson, G. (2000). Gender differences in depression: Critical review. *The British Journal of Psychiatry*, vol. 177(6), 486-492. doi:10.1192/bjp.177.6.486.
- RAMOS, V., Atalaia, S., & Cunha, V. (2016). *Vida familiar e papéis de género: Atitudes dos portugueses em 2014. Research Brief*. Lisboa: ICS.
- RICHARDSON, D., & Robison, V. (2008). *Introducing gender and women's studies*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- RUSTØEN, T., Wahl, A. K., Hanestad, B. R., Lerdal, A., Paul, S., & Miaskowski, C. (2004). Gender differences in chronic pain—findings from a population-based study of Norwegian adults. *Pain Management Nursing*, vol. 5(3), 105-117.
- SARAH, E. P., Munce, M. Sc., Donna E., & Stewart, M. D. (2007). Gender Differences in Depression and Chronic Pain Conditions in a National Epidemiologic Survey. *Psychosomatics*, vol. 48(5), 394-399. doi:10.1176/appi.psy.48.5.394.
- TORRES, A., Brites, R., Haas, B., & Steiber, N. (2007). *First European quality of life survey: Time use and work-life options over the life course*. Dublin: European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions.
- TORRES, A., Coelho, B., & Cabrita, M. (2013). Bridge over troubled waters. *European Societies*, vol. 15(4), 535-556.
- TORRES, A., Coelho, B., Cardoso, I., & Brites, R. (2012). A mysterious European threesome: Workcare regimes, policies and gender. *International and Multidisciplinary Journal of Social Sciences*, vol. 1(1), 31-61.
- TORRES, A., Mendes, R., Gaspar, S., Fonseca, R. B., Oliveira C. & Dias, C. (2016). *Caracterização da população prisional, crimes cometidos e dependências face às drogas, bebidas alcoólicas e jogo a dinheiro*. Lisboa: CIEG/ ISCSP-ULisboa.
- VARKEY, A. B. (2004). Chronic obstructive pulmonary disease in women. *Current Opinion in Pulmonary Medicine*, vol. 10(2), 98-103.
- VÄRNIK, A., et al. (2008). Suicide methods in Europe: A gender-specific analysis of countries participating in the “European alliance against depression”. *Journal of Epidemiology and Community Health*, vol. 62(6), 545-51. Doi: 10.1136/jech.2007.065391.
- VENN, S., Davidson, K., & Arber, S. (2011). Gender and Ageing. In Jr. Settersten, A. Richard, & J. L. Angel (Eds.), *Handbook of sociology of aging: Handbooks of sociology and social research* (pp. 71-82.). New York: Springer.
- WALL, K. (Coord.), Cunha, V., Atalaia, S., Rodrigues, L., Correia, R., Correia, S. V., & Rosa, R. (2016). *Livro Branco – Homens e Igualdade de Género em Portugal*. Lisboa: CITE.
- YOUNG, M. C. (2010). Gender Differences in Precarious Work Settings. *Relations industrielles / Industrial Relations*, vol. 65(1), 74-97.

ÍNDICE DE FIGURAS

- 15** **Figura 1.1** Taxa de emprego, dos 50 aos 64 anos, por país e sexo, 2015 (%)
- 16** **Figura 1.2** Mudança da taxa de emprego, dos 50 aos 64 anos, por país e sexo, 2000-2015 (%)
- 18** **Figura 1.3** Taxa de emprego por nível de escolaridade, dos 50 aos 64 anos, por sexo, em Portugal e na União Europeia a 27, 2015 (%)
- 19** **Figura 1.4** Taxa de desemprego, dos 50 aos 64 anos, por país e por sexo, 2015 (%)
- 19** **Figura 1.5** Evolução da taxa de desemprego, dos 50 aos 64 anos, por sexo, em Portugal, 2002-2015 (%)
- 20** **Figura 1.6** Contratos não permanentes, dos 50 aos 64 anos, por país e por sexo, 2016 (%)
- 21** **Figura 1.7** Evolução da proporção de contratos não permanentes, dos 50 aos 64 anos, por sexo, em Portugal, 2000 a 2016 (%)
- 22** **Figura 1.8** Trabalhadores/as a tempo parcial, dos 50 aos 64 anos, por país e sexo, 2015 (%)
- 23** **Figura 1.9** Razões para trabalho a tempo parcial, mulheres (dos 50 aos 64 anos), Portugal, 2015 (%)
- 23** **Figura 1.10** Razões para trabalho a tempo parcial, homens (dos 50 aos 64 anos), Portugal, 2015 (%)
- 24** **Figura 1.11** Média de horas de trabalho semanal, por país e sexo, dos 50 aos 65 anos, 2015
- 25** **Figura 1.12** Salário médio/mês, em PPC, por país e sexo, dos 50 aos 59 anos, 2014
- 26** **Figura 1.13** Disparidade salarial, por país e sexo, dos 50 aos 59 anos e mais de 60 anos, 2014
- 26** **Figura 1.14** Remuneração mensal por tipo de profissão, em PPC, por sexo, dos 50 aos 59 anos, em Portugal e UE 27, 2014²
- 27** **Figura 1.15** Remuneração mensal por tipo de profissão, em PPC, por sexo, com mais de 60 anos, em Portugal e UE 27, 2014³
- 29** **Figura 2.1** Mulheres e Homens dos 55 aos 64 anos, por tipo de família, com filhos/as no seu agregado, UE 27 e Portugal, 2015 (%)
- 30** **Figura 2.2** Tipos de famílias dos 50 aos 64 anos, Portugal e UE 27, por sexo, 2011 (%)
- 31** **Figura 2.3** Tipos de agregados em que vivem as pessoas dos 50 aos 64 anos, Portugal, por sexo, 2001-2011 (%)
- 32** **Figura 2.4** Mulheres dos 55 aos 64 anos, com e sem filhos/as no agregado, por país, 2015 (%)
- 33** **Figura 2.5** Mulheres dos 55 aos 64 anos, com e sem filhos/as no agregado, pela escolaridade das mulheres, Portugal e UE 19, 2005-2015 (%)
- 34** **Figura 2.6** Pessoas em risco de pobreza e exclusão social entre os 50 e os 64 anos, por país e por sexo e disparidade entre homens e mulheres (2000 e 2015) (%)

-
- 35 **Figura 2.7** Evolução de homens e de mulheres, dos 50 aos 64 anos em situação de risco de pobreza, em Portugal, 2004-2015
- 36 **Figura 2.8** Proporção de pessoas que afirmam ter dificuldade ou muita dificuldade em fazer face às despesas com o rendimento do agregado familiar, por sexo, dos 50 aos 64 anos, 2015 (%)
- 37 **Figura 3.1** Taxa de emprego de adultos/as, com mais de 55 anos, com crianças maiores de 12 anos, por país e sexo, 2016 (%)
- 38 **Figura 3.2** Mudança na taxa de emprego de adultos/as, com mais de 55 anos, com crianças maiores de 12 anos, por país e sexo, 2005-2016 (p.p.)
- 39 **Figura 3.3** Distribuição de trabalhadores/as que vivem em casal por tipo de agregado, dos 50 aos 65 anos, por país, 2015 (%)
- 40 **Figura 3.4** Distribuição de trabalhadores/as, que não vivem em casal, por tipo de agregado, dos 50 aos 65 anos, por país, 2015 (%)
- 41 **Figura 3.5** Média de horas passadas a cuidar da família, por sexo e país, 2012
- 41 **Figura 3.6** Média de horas passadas a cuidar da casa, por sexo e país, 2012
- 46 **Figura 4.1** População prisional em Portugal, 50-64 anos e população global, por sexo, 2000-2016 (%)
- 47 **Figuras 4.2 e 4.3** Perceção da prevalência da violência contra as mulheres na UE 28 e Portugal, por grupo etário e sexo, 2016 (%)
- 48 **Figura 5.1** Tipos de problemas de saúde dos 50 aos 65 anos, em Portugal, por sexo, 2014 (%)
- 49 **Figura 5.2** Na última semana com que frequência se sentiu deprimido/a, dos 50 aos 65 anos, em Portugal, por sexo, 2014 (%)
- 50 **Figura 5.3** Com quem falou sobre o seu estado de saúde nos últimos 12 meses, dos 50 aos 64 anos, Portugal, 2014 (%)
- 51 **Figura 5.4** Causas de morte das pessoas dos 50 aos 64 anos por sexo, Portugal e UE 28, 2014 (%)
- 52 **Figura 5.5** Causas externas de morte das pessoas dos 50 aos 64 anos por sexo, Portugal e UE 28, 2014 (%)
- 53 **Figura 5.6** Taxa de suicídio por sexo para Portugal e a média europeia a 28 (dos 50 aos 64 anos), 2014 (%)
- 54 **Figura 5.7** Mudança na taxa de suicídio por sexo para Portugal e a média europeia a 28, 2004-2014 (p.p.)
- 56 **Figura 6.1** Os homens deviam ter tantas responsabilidades como as mulheres em relação à casa e aos filhos, dos 50 aos 65 anos, por país e sexo (médias)
- 57 **Figura 6.2** Uma mulher devia estar preparada para reduzir o seu trabalho remunerado para o bem da sua família, dos 50 aos 65 anos, por país e sexo (média)
- 58 **Figura 6.3** Quando os empregos são poucos, os homens deviam ter prioridade em ocupá-los em relação às mulheres, dos 50 aos 65 anos, por país e sexo (média)
- 61 **Figura 7.1** Perfis de países (2014 e 2015) (Homens) (%)

62 **Figura 7.2** Perfis de países (2014 e 2015) (Mulheres) (%)

64 **Figura 7.3** Classes sociais na fase tardia, dos 50 aos
65 anos, por país e por sexo, 2015 (%)

ÍNDICE DE QUADROS

- 42** **Quadro 3.1** Principal atividade nos últimos 7 dias em Portugal, dos 50 aos 65 anos, por sexo, 2014 (%)
- 72** **Quadro 1** Fase tardia da vida ativa, trabalho e condições de vida, por país e UE 27

